

4

A construção literária de Barnabé em Atos: eis que surge um ‘herói’

“As Sereias: consta que elas cantavam, mas de uma maneira que não satisfazia, que apenas dava a entender em que direção se abriam as verdadeiras fontes e a verdadeira felicidade do canto. Entretanto, pelos seus cantos imperfeitos, que não passavam de um canto ainda por vir, conduziam o navegante em direção àquele espaço onde o cantar começava de fato. Elas não o enganavam, levavam-no realmente ao objetivo”³⁵¹.

Não por acaso o título deste capítulo é constituído pelas palavras que lhe compõem. A intencionalidade é trazer, no mínimo, uma provocação saudável ao leitor e lembrar-lhe todo o caminho percorrido até aqui. Desde a construção dos heróis-guerreiros em Homero, em especial Pátroclo, companheiro de Aquiles, *necessário*³⁵² às peripécias e ao fechamento da trama narrativa da *Iliada*, à elaboração, por Platão, do homem ideal de sua *República*, chegamos a Barnabé, o não nomeado como herói, em Atos dos Apóstolos, mas detalhadamente construído como tal, ao modelo grego, contudo, possuidor de um nome e de um epíteto semíticos.

³⁵¹ Blanchot, M. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

³⁵² O vocábulo *necessário* encontra-se em itálico nesta e em outras passagens ao longo do texto porque utilizamo-lo de acordo com a categoria aristotélica, em contraste a *contingente*. Conforme os estudos de Antônio Pedro Mesquita, no domínio do que acontece, que é originalmente aquele em que a ciência da natureza se encontra submersa, ἀναγκαῖον opõe-se a συμβεβηκός, como o que acontece necessariamente ao que acontece casualmente (MESQUITA, 2005, pp.503-505). Ao mesmo tempo, trazendo o *necessário*, ἀναγκαῖον, para os elementos da *Retórica* de Aristóteles, deparamo-nos com a construção dos silogismos, dentre os quais se encontra o silogismo analítico ou formal, que está na base de qualquer argumentação e pode ser usado para qualquer fim. É *necessário* que haja premissas para que se construa um silogismo. (De ALMADA, 2006, pp.84-85). Ainda com relação à *Retórica*, ao apresentar os três gêneros de discurso – deliberativo, judicial e epidíctico, Aristóteles conclui: “é evidente, pelo que acaba de ser dito, que é primeiramente necessário ter as premissas dessas três coisas [o conveniente, o justo, o belo e seus contrários], pois as provas irrefutáveis [σημεῖον ἀναγκαῖον, a prova necessária], as probabilidades e os sinais são premissas retóricas [...]. Ora, visto que as coisas impossíveis não podem ter sido feitas no passado, nem se podem fazer no futuro, que apenas as coisas possíveis o podem, que as coisas irreais e irrealizáveis não podem ter sido feitas no passado, ou fazer-se no futuro, é necessário que o orador deliberativo, o judicial e o epidíctico tenham premissas sobre o possível e o impossível, se algo aconteceu ou não, se virá ter ou não lugar. Além disso, como todos os oradores, quando elogiam ou censuram, exortam ou dissuadem, acusam ou defendem, não só se esforçam por provar o que disseram, mas também que o bom ou o mau, o belo ou o feio, o justo ou o injusto são grandes ou pequenos, quer falem das coisas em si, quer as comparem entre si, é evidente que seria necessário também ter premissas sobre o grande e o pequeno, o mais e o menos, tanto em geral como em particular...” (ARISTÓTELES, *Retórica*, 1359a). Conforme a *Poética*, tanto uma ação pode se organizar segundo o provável ou o necessário, quanto Aristóteles elenca a sequência lógica das partes da tragédia com a mesma assertiva: segundo o provável ou o necessário, de modo imprescindível (1452a15-20).

Neste caminho, ao escolher a epígrafe que norteasse a leitura deste capítulo como uma espécie de ‘chave’ para aquilo que pretendemos ao longo da análise a ser feita, deparamo-nos com o texto de Maurice Blanchot, o qual, ousadamente, corrobora o cerne da questão quanto aos estudos bíblicos modernos e contemporâneos de exegese e hermenêutica. Certo é que nunca chegaremos ao fato histórico em si, aos personagens reais, os quais deram origem àqueles que temos no registro literário de uma mensagem comunicativa que, mormente, quer trazer uma ou mais referências de comportamento ao seu ouvinte-leitor, a fim de que este possa pautar sua vida com base na pedagogia do exemplo³⁵³. A cada novo leitor, a mensagem da generosidade e do compartilhamento dos bens no seio da comunidade da Igreja Primitiva e na pessoa de Barnabé torna-se uma mensagem ético-teológica por vir e, assim, vai sendo acrescentada *em* e *por* novos rumos pelos quais passa.

O estudo exegetico e hermenêutico do texto perpassa, principalmente, os âmbitos linguístico, literário e histórico. São estes que embasarão o fundo teológico da mensagem comunicativa do texto. Assim, voltando às sereias de Blanchot, diz-nos Irineu Bicudo:

Quando se procura escrever a história de um acontecimento, de uma cultura, de uma época apenas aproximações estão no domínio do historiador: boas ou más. Tudo que ele pode almejar é que o seu relato seja ‘o canto da Sereia’ que não engane, mas leve realmente ao objetivo³⁵⁴.

Acrescentamos que o mesmo fato – só há possibilidade de aproximações – ocorre nos âmbitos linguístico, literário e, muito mais abrangente, teológico. Quanto a este último, importa que a mensagem seja transmitida, isto é, o objetivo

³⁵³ A pedagogia do exemplo é matéria em Werner Jaeger, na *Paidéia*, quando aponta como eram recebidos os textos de Homero no período clássico. Platão, na *República* e no *Hípias Maior*, discute a questão dos exemplos positivos e negativos em Homero e Aristóteles, na *Poética*, aponta como os exemplos nas tragédias provocam catarse e terror, fazendo com que a plateia reflita sobre suas atitudes e cada πολίτης, *cidadão*, mantenha o equilíbrio próprio, pois assim a πόλις, a *cidade*, por conseguinte, mantém-se equilibrada. Para Jaeger, Homero assume, em sua obra, o matiz ético e educativo, através dos exemplos de seus heróis, que põem em relevo o aspecto fundamental da épica: a ação construtiva do sujeito em sua consciência (2001, pp.51,67). No ambiente do Novo Testamento, temos as palavras de Daniel Marguerat, que demonstram a continuidade do aspecto *paidético* neste momento: a utilização da poesia homérica como manual escolar da Antiguidade garante, até a era cristã, a perenidade do exemplo (MARGUERAT, 2003, p.255). Levando em consideração este aspecto *paidético*, não podemos nos furtar a lhe acrescentar os pressupostos da pragmática linguística, desde o momento em que esta busca projetar, a partir daquilo que o texto apresenta, o que se quer da comunidade leitora a partir do texto como evento comunicativo. Inextricavelmente ligada a este fato – a comunidade leitora imediata – temos a base para a opção neste trabalho pela utilização do método sincrônico, porque não pode existir pragmática sem sincronia.

³⁵⁴ BICUDO, 2009, p.33.

seja comunicado ao ouvinte-leitor, quer participe da primeira comunidade receptora dos textos, quer da sociedade hodierna que, em pleno século XXI, vive em *transição paradigmática*³⁵⁵ e na *liquidez*³⁵⁶ dos seus principais valores éticos e morais. O texto fala hoje. O texto é.

Para que possamos compreender o texto bíblico, este registro escrito cuja riqueza cultural abunda em variados aspectos, é-nos necessário adotar um estudo teórico-metodológico que abarque tais idiossincrasias, as quais só o texto das Sagradas Escrituras possui, e estabelecer uma espécie de linha de esboço que nos vá guiando através dos passos que o próprio texto toma como condutores para seu entendimento.

Para tanto, o que se pretende adiante é enveredar-se pelos meandros das marcas formais do texto, perceber o valor da significação dos vocábulos e caminhar até apontarem-se as projeções de paradigmas éticos e teológicos da comunidade primitiva tida como fundo e inspiração³⁵⁷ para a confecção do texto de Atos dos Apóstolos no que tange à generosidade e ao compartilhamento de bens de cada um, fato que estabelecia um ambiente de graça e simpatia do povo, o qual observava tal comportamento. Esta observação – da generosidade ou da falta dela – pode ter sido também a do autor de Atos dos Apóstolos à sua volta, o qual deixa registradas as pistas para que assim pensemos.

A fim de apontar um caminho por tais ‘pistas’, passaremos ao estudo do texto através dos passos metodológicos da análise exegética, a partir de um

³⁵⁵ Boaventura Souza Santos, em sua *Crítica da Razão Indolente*, postula que vivemos em um momento de transição paradigmática, isto é, fomos postos em uma indeterminação da realidade que nos circunda, a tal ponto que não temos mais um paradigma dominante em nossa sociedade e, por conseguinte, estamos na emergência de um novo paradigma que venha nos determinar novos modelos. O espaço virtual, tão em voga em nosso tempo, é a metáfora desta indeterminação de não saber ao certo contra quem se luta ou de quem se está ao lado (SANTOS, 2000, p.28). A sociedade e a cultura vivem esse intervalo, o vazio, o não-ser, o não-lugar antropológico, como diz Marc Augé em sua *antropologia da supermodernidade* (AUGÉ, 2004). Para saber mais, veja SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. São Paulo: Cortez, 2000.

³⁵⁶ Conceito desenvolvido por Zigmunt Bauman, autor de várias obras que tratam do conceito cunhado por ele como *liquidez*, isto é, a fluidez da existência contemporânea do mundo dito pós-moderno, no qual se insere a “vida líquida” ou a “modernidade líquida”. Logo ao iniciar um de seus livros, *Vida líquida* (2007), ele aponta a problemática da sociedade líquido-moderna, na qual “as realizações individuais não podem solidificar-se em posses permanentes porque, em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades em incapacidades” (p.7). Bauman trata da rápida obsolescência daquilo que antes era tão importante e do ponto ao qual chegou a efemeridade das relações afetivas, fazendo uma relação entre o descarte de objetos e de pessoas como corolário de uma sociedade consumista e uma verdadeira “dança das cadeiras” que exclui e retira do “jogo da vida” o outro que não tem mais lugar e que precisa ser jogado no lixo.

³⁵⁷ Não no sentido teológico, mas propriamente literário.

modelo de texto e de compreensão da leitura sob o aspecto sincrônico, proposta pelos estudiosos principalmente do Novo Testamento³⁵⁸, com ênfase na análise linguístico-literária apontada inclusive pela Pontifícia Comissão Bíblica³⁵⁹. Nesta análise, primaremos por uma perspectiva dentro do ambiente da filosofia da linguagem que abrange, segundo Charles Morris³⁶⁰, as abordagens sintática, semântica e pragmática. Ao mesmo tempo, faz-se mister apontar a relevância de Barnabé como personagem *necessário* ao *mundo do texto* dos Atos dos Apóstolos, tomando para estudo a perícopes de 4,32–5,11. A isto se propõe este capítulo.

4.1

Atos 4,32–5,11: o *mundo do texto* e o texto no mundo

Sabe-se que todo texto parte de um contexto, e que texto sem contexto é pretexto para a falta de conhecimento do ambiente no qual se insere o texto³⁶¹. Assim, o modo como apresentamos este subtítulo acolhe em seu bojo um conceito importante do hermeneuta Paul Ricoeur, que deve estar presente ao estudarmos com profundidade qualquer tipo de registro escrito, seja antigo, seja contemporâneo: *o mundo do texto*³⁶², o qual nos aponta o momento em que este – o texto – é configurado.

A crítica da constituição do texto, como sabemos, tem por finalidade, segundo os pressupostos de Simian-Yofre³⁶³, a delimitação do texto e a prova de sua unidade. Deste modo, concordamos com a delimitação anterior e posterior do texto grego, no entanto preferimos unir a narrativa de Barnabé à de Ananias e Safira, a fim de demonstrar a força da antítese³⁶⁴ dos dois últimos personagens em relação ao primeiro, o que potencializa o relato acerca de Barnabé.

Necessário se faz dizer que a antítese é uma figura de linguagem muito usada nos textos gregos, a fim de ressaltar ainda mais o exemplo positivo que se

³⁵⁸ William Egger (1994) e Uwe Wegner (1998). Isso não significa que vamos nos eximir dos passos metodológicos utilizados por Simian-Yofre, adaptando-os ao texto grego do Novo Testamento.

³⁵⁹ No documento *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, 2006, pp.46-57.

³⁶⁰ MORRIS, 1938, conforme vimos no capítulo anterior.

³⁶¹ Vemos o pleonasmo utilizado como oportuno.

³⁶² Cf. 1.2.1.2. A hermenêutica de Paul Ricoeur, pp.25-28.

³⁶³ SIMIAN-YOFRE, 2000, pp.78-84.

³⁶⁴ A antítese é lugar comum na obra literária grega desde os textos homéricos e a poesia arcaica, tendo sua continuidade de uso ao longo dos períodos clássico e helenístico ou alexandrino. Sobre a vasta utilização da antítese na obra do período arcaico, veja ADRADOS, Francisco Rodríguez. *El mundo de la lírica griega*. Madrid: Alianza Editorial, 1981.

quer demonstrar. Tal mecanismo faz parte da construção do personagem em destaque, seja um herói-guerreiro de Homero, como vimos no capítulo dedicado a este³⁶⁵, seja o protagonista de um drama euripidiano ou sofocleano. Percebamo-la no texto.

4.1.1

Texto, tradução e comentários iniciais de Atos 4,32–5,11

4,32a	Τοῦ δὲ πλήθους τῶν πιστευσάντων ἦν καρδία καὶ ψυχὴ μία,	Porém, da multidão dos que criam era um coração e uma alma
32b	Καὶ οὐδὲ εἷς τι τῶν ὑπαρχόντων αὐτῷ ἔλεγεν ἴδιον εἶναι	E nem mesmo alguém dos que havia para si considerava [algo] peculiar ser
32c	ἀλλ' ἦν αὐτοῖς ἅπαντα κοινά.	Mas era para eles/os próprios tudo comum.
33a	Καὶ δυνάμει μεγάλη ἀπεδίδουν τὸ μαρτύριον οἱ ἀπόστολοι τῆς ἀναστάσεως τοῦ κυρίου Ἰησοῦ,	E com poder grande davam o testemunho os apóstolos da ressurreição do senhor Jesus,
33b	χάρις τε μεγάλη ἦν ἐπὶ πάντας αὐτούς.	E graça grande estava sobre todos eles.
34a	οὐδὲ γὰρ ἐνδεής τις ἦν ἐν αὐτοῖς·	Pois nenhum necessitado algum estava neles/ entre eles;
34b	ὅσοι γὰρ κτήτορες χωρίων ἢ οἰκιῶν ὑπῆρχον,	Assim como muitos possuidores de campos ou de casas havia,
34c	πωλοῦντες ἔφερον τὰς τιμὰς τῶν πιπρασκομένων	Vendendo traziam os preços das coisas vendidas
35a	Καὶ ἐτίθουν παρὰ τοὺς πόδας τῶν ἀποστόλων,	E depositavam/punham junto aos pés dos apóstolos,
35b	διεδίδετο δὲ ἐκάστῳ καθότι ἂν τις χρεῖαν εἶχεν.	Era distribuído para cada um de acordo com alguém [que] necessidade tivesse.

³⁶⁵ Vide principalmente 3.1.2, pp.55-61.

36a	Ἰωσήφ δὲ ὁ ἐπικληθεὶς Βαρναβᾶς ἀπὸ τῶν ἀποστόλων,	Porém José apelidado Barnabé pelos apóstolos,
36b	ὃ ἔστιν μεθερμηνεύμενον υἱὸς παρακλήσεως, Λευίτης, Κύπριος τῷ γένει,	O qual é traduzido filho da consolação, Levita, Cipriota de origem,
37a	ὑπάρχοντος αὐτῷ ἀγροῦ	Possuindo para ele um campo fértil
37b	πωλήσας ἤνεγκεν τὸ χρήμα	Que vendeu, trouxe a quantia
37c	καὶ ἔθηκεν πρὸς τοὺς πόδας τῶν ἀποστόλων.	E depositou diante dos pés dos apóstolos.
5,1a	Ἄνθρωπος δέ τις Ἀνανίας ὀνόματι σὺν σαπφίρῃ τῇ γυναικὶ αὐτοῦ ἐπώλησεν κτῆμα	Todavia certo homem por nome Ananias, com Safira, a esposa dele, vendeu uma propriedade
2a	καὶ ἐνοσφίσατο ἀπὸ τῆς τιμῆς,	E separou para si da parte do preço,
2b	συνειδυίης καὶ τῆς γυναικός,	Já sabendo junto também da mulher,
2c	καὶ ἐνέγκας μέρος τι	E tendo trazido certa parte
2d	παρὰ τοὺς πόδας τῶν ἀποστόλων ἔθηκεν.	Junto aos pés dos apóstolos depositou.
3a	εἶπεν δὲ ὁ Πέτρος·	Disse porém Pedro:
3b	Ἀνανία, διὰ τί ἐπλήρωσεν ὁ σατανᾶς τὴν καρδίαν σου,	Ananias, por que encheu satanás o coração teu,
3c	Ψεύσασθαί σε τὸ πνεῦμα τὸ ἅγιον	Fazendo mentir-te ao Espírito Santo
3d	καὶ νοσφίσασθαι ἀπὸ τῆς τιμῆς τοῦ χωρίου;	E fazendo separar da parte do preço da propriedade?
4a	οὐχὶ μένον σοὶ ἔμενεν	Não permanecendo para ti ficava

4b	καὶ πραθεῖν ἐν τῇ σῇ ἐξουσίᾳ ὑπῆρχεν;	E sendo vendido no teu poder estaria?
4c	τί ὅτι ἔθου ἐν τῇ καρδίᾳ σου τὸ πρᾶγμα τοῦτο;	Por que puseste no coração teu o fato este?
4d	Οὐκ ἐψεύσω ἀνθρώποις ἀλλὰ τῷ θεῷ.	Não mentiste para os homens mas para Deus.
5a	ἀκούων δὲ ὁ Ἀνανίας τοὺς λόγους τούτους πεσὼν ἐξέψυξεν,	Ouvindo porém Ananias as palavras estas caiu morto,
5b	καὶ ἐγένετο φόβος μέγας ἐπὶ πάντας τοὺς ἀκούοντας.	E veio temor grande sobre todos os que ouviram.
6a	ἀναστάντες δὲ οἱ νεώτεροι συνέστειλαν αὐτὸν	Tendo levantado porém os mais jovens recolheram-no
6b	καὶ ἐξενέγκαντες ἔθαψαν.	E levando para fora sepultaram.
7a	Ἐγένετο δὲ ὡς ὥρων τριῶν διάστημα	Todavia veio depois de três horas um intervalo
7b	καὶ ἡ γυνὴ αὐτοῦ μὴ εἰδυῖα τὸ γεγονός εἰσῆλθεν.	E a mulher dele [que] não estava sabendo o ocorrido entrou.
8a	ἀπεκρίθη δὲ πρὸς αὐτήν Πέτρος·	Perguntou pois para ela Pedro:
8b	εἰπέ μοι, εἰ τοσούτου τὸ χωρίον ἀπέδοσθε;	Diga para mim, se [foi] de tanto a propriedade vendida?
8d	ἡ δὲ εἶπεν·	Ela porém disse:
8d	ναί, τοσούτου.	Sim, de tanto.
9a	ὁ δὲ Πέτρος πρὸς αὐτήν·	Mas Pedro [disse] para ela:
9b	τί ὅτι συνεφωνήθη ὑμῖν πειράσαι τὸ	Por que estiveram em acordo

	πνεῦμα κυρίου;	para vós [para] testar o espírito do senhor?
9c	ἰδοὺ οἱ πόδες τῶν θαψάντων τὸν ἄνδρα σου ἐπὶ τῇ θύρᾳ	Veja! Os pés dos que sepultaram o marido teu à porta
9d	καὶ ἐξοίσουσίν σε.	Também carregarão para fora a ti.
10a	ἔπεσεν δὲ παραχρῆμα πρὸς τοὺς πόδας αὐτοῦ	Caiu pois imediatamente diante dos pés dele
10b	καὶ ἐξέψυξεν.	E expirou;
10c	εἰσελθόντες δὲ οἱ νεανίσκοι εὗρον αὐτὴν νεκράν	Vindo porém os jovens acharam ela morta
10d	καὶ ἐξενέγκαντες ἔθαψαν πρὸς τὸν ἄνδρα αὐτῆς,	E tendo levado para fora sepultaram com o marido dela,
11a	καὶ ἐγένετο φόβος μέγας ἐφ’ ὅλην τὴν ἐκκλησίαν	E veio temor grande sobre inteira a assembleia/igreja
11b	καὶ ἐπὶ πάντας τοὺς ἀκούοντας ταῦτα.	E sobre todos os que ouviram estas coisas.

A crítica textual de toda a perícopa³⁶⁶ pode ser vista anexa ao trabalho. Contudo, a maioria das variantes apresentadas pelo aparato crítico é irrelevante em sua interpretação, ou acrescenta detalhes ao texto que não modificam sua estrutura no que diz respeito à sua exegese e à sua hermenêutica. Ao longo dos parágrafos que se seguem, as informações reveladas pelo estudo e análise na crítica textual, vão sendo introduzidas paulatinamente, a título de enriquecimento. Assim também as ‘pistas’ que nos enveredam pelos caminhos do estudo sintático, semântico e pragmático do texto.

Para iniciar, é valioso apontar o mapa de partículas e conjunções gregas que configuram a unidade da perícopa em estudo e demonstram o cuidado do

³⁶⁶ Baseada nos textos de Nestle-Aland, *Novum Testamentum Graece* (2006) e de Kurt Aland, *The Greek New Testament* (1998).

autor quanto à sua utilização, propiciando o encadeamento e a vivacidade ao texto. Quanto ao primeiro (encadeamento), o professor Henrique Murachco defende que o vocábulo σύνδεσμος, *amarra, ligação, conectivo*, é suficiente para identificar o papel tanto das conjunções quanto das partículas e que, desde Homero, tanto a coordenação, num enunciado linear, quanto as dependências, ou a subordinação, foram feitas inicialmente por partículas³⁶⁷.

No que se refere à segunda (vivacidade), o autor insiste sobre a oralidade que predominou mesmo depois da adoção da escrita, cuja realidade, acrescentamos, não é diferente quanto aos textos do Novo Testamento. Veja-se o que nos diz o helenista:

Todos os autores gregos, que conhecemos agora pelos livros, pensavam na transmissão oral. Esse fato é extremamente importante. O autor (emissor) tinha em mente que o 'leitor' (receptor da mensagem oral) tinha 'aquele momento' para receber e fixar a mensagem. Por isso ela devia ser bem clara e refletir exatamente o que e como o emissor queria que a mensagem fosse recebida. É essa a origem da pontuação expressiva da oralidade. É essa a origem tanto das 'partículas' quanto das 'conjunções'³⁶⁸.

Veja-se o mapa de partículas ou conjunções (as repetições permitem a visualização nos versículos):

Texto	Partículas
4.32	ὁὲ καὶ καὶ ἀλλὰ
4.33	καὶ τε
4.34	γάρ γάρ
4.35	καὶ ὁὲ
4.36	ὁὲ
4.37	Καὶ
5.1	ὁὲ
5.2	καὶ καὶ καὶ
5.3	ὁὲ καὶ
5.4	καὶ ἀλλὰ
5.5	ὁὲ καὶ
5.6	ὁὲ καὶ
5.7	ὁὲ καὶ

³⁶⁷ MURACHCO, 2007, pp.623-624.

³⁶⁸ MURACHCO, 2007, pp.623-624.

5.8	ὁέ
5.9	ὁέ καί
5.10	ὁέ ὁέ καί
5.11	καί καί

No texto grego de Atos 4,32–5,11, as três narrativas – o sumário e as exemplificações³⁶⁹ – parecem ser separadas em três pequenas unidades literárias. As duas subsequentes ao sumário pertencem exatamente a relatos de personagens diferentes, ligados pela marca antitética, à qual nos referimos anteriormente. Esta marca encontra-se na partícula ὁέ³⁷⁰, pospositiva, a qual também é uma pontuação oral. Por este último fato, ela não possui um significado próprio, mas tem um valor aditivo-intensivo, às vezes com nuances opositivas de desigualdade, se o significado do segundo segmento encerra uma ideia contrária à do segmento anterior³⁷¹. Neste caso, é empregada com a força do valor conjuntivo adversativo, traduzido como *mas*, *porém*. Tal fato ocorre em 5,1, a fim de contrastar o modelo Barnabé com o anti-modelo Ananias e Safira³⁷². Em todas as outras ocorrências de ὁέ no texto a marca sintático-semântica é de continuidade, com sentido explicativo, traduzido como *pois*, *então* ou sofrendo elipse nas traduções em língua portuguesa.

Assim, a partícula ὁέ parece ser o elemento que delimita as unidades literárias no texto grego, trazendo sempre um novo assunto ou o que poderia ser, na língua portuguesa o equivalente a um ponto parágrafo, que diz respeito ao mesmo assunto tratado, mas apresentando um dado novo. Se observarmos atentamente os textos do Evangelho de Lucas e de Atos dos Apóstolos, veremos que esta é uma marca formal de continuidade bastante regular na narrativa da obra lucana³⁷³.

³⁶⁹ Em seu trabalho sobre gêneros literários, Klaus Berger, discutindo a respeito dos ‘relatos de exemplos do círculo dos discípulos’, aponta que os evangelhos estão recheados de ‘exemplos’ (geralmente negativos) para o leitor que contam a história dos discípulos. No texto em questão, José Barnabé (Atos 4,36s) e Ananias e Safira (5,1-11) compreendem um exemplo elogioso e outro assustador que se sucedem. Os mesmos funcionam como duas cenas que esclarecem Atos 4,32-35 (cf. BERGER, 1998, p.291).

³⁷⁰ O texto compreende, exatamente, 11 ocorrências da partícula conjuntiva ὁέ.

³⁷¹ MURACHCO, 2007, p.638. BLASS; DEBRUNNER, 1961, p.231-232.

³⁷² A Bíblia de Jerusalém, por exemplo, traduz a ocorrência de ὁέ em 5,1 como *entretanto* e realiza a elipse de todas as outras 10 ocorrências da partícula nesta perícope.

³⁷³ É interessante notar esta idiossincrasia da obra lucana. Se tomarmos apenas a partícula ὁέ, são 537 ocorrências em Lucas e 554 em Atos; se virmos a introdução de personagens, através de ὁ ὁέ,

A ‘aparente insignificância’ da partícula δέ, tida como uma partícula que demonstra a face oral do discurso narrativo³⁷⁴ grego desde os textos do período clássico, dentre os quais utilizada vigorosamente nos discursos de Platão³⁷⁵, toma um lugar de destaque não só na delimitação da perícopa que estudaremos ao longo deste capítulo, como também para determinar e delimitar, ainda, as unidades literárias mínimas que se encontram no interior do texto e suas marcações formais entre discurso ou diálogo e narrativa. Poder-se-ia, ainda, postular a utilização de δέ como partícula indicadora de exemplaridade, quando precedida por um nome próprio, como ocorre no caso de Barnabé (Ἰωσήφ δέ) ou por um substantivo comum que designe a pessoa, como o exemplo de Ananias (Ἀνὴρ δέ τις) ou sua posição. Haveria, desse modo, uma função específica da partícula δέ, que pode ser comprovada através de uma série de ocorrências na obra lucana de exemplos positivos³⁷⁶ e negativos³⁷⁷.

Outrossim, a grande quantidade de ocorrências da conjunção aditiva καί – 18 vezes – também chama a atenção. Sua função no texto em estudo na maioria das ocorrências – 16 vezes – é servir de elemento de ligação entre duas ou mais orações que formam um ‘parágrafo’ iniciado por δέ, como vimos acima. Por ser o conectivo horizontal por excelência, liga duas palavras, duas frases, duas orações que estão no mesmo plano.

No entanto, duas utilizações de καί na fórmula καὶ ἐγένετο, presentes em 5,5.11, são específicas, pois marcam algo relevante no texto: em primeiro lugar, no uso vocabular, pois καὶ ἐγένετο é a tradução direta no grego da LXX da raiz

já temos 278 e 212, respectivamente, sem levar em consideração os femininos nem os plurais; ainda, se trabalharmos com a fórmula ἐγένετο δέ, que introduz um fato novo, como também temos estudado, são 30 ocorrências em Lucas e 57 em Atos. O Evangelho de Marcos, por exemplo, não apresenta nenhuma ocorrência desta última fórmula, porém, contém 37 ocorrências para a fórmula καὶ εὐθύς, composta pela conjunção aditiva καί (= e) e pelo advérbio εὐθύς (=imediatamente, rapidamente) como a marca formal de continuidade mais utilizada. Ainda, é relevante a diferença entre a utilização de καί (555 vezes) e de δέ (150 vezes). Em uma vista d’olhos pelo evangelho de Marcos, percebe-se que quase todos os capítulos e ‘parágrafos’ iniciam-se com καί, o que pode ter, certamente, influenciado na separação e pontuação do texto grego.

³⁷⁴ O que corresponderia ao nosso *pois, então, deste modo, daí* e, no discurso informal, ao *aí*.

³⁷⁵ Nos diálogos de Platão, encontramos por diversas vezes as expressões μέν... δέ... para significar *por um lado... por outro lado..., contudo, não obstante, ora pois*.

³⁷⁶ Em Lucas: 4,1 (Jesus), 7,2 (o centurião), 10,33 (o samaritano), 22,48 (Jesus). Em Atos: 2,38 (Pedro), 3,1 (Pedro e João), 6,8 (Estevão), 8,20 (Pedro diante de Simão, o mágico), 8,40 (Filipe), 9,27; 15,37 (Barnabé), 10,1 (Cornélio), 12,25 (Barnabé e Saulo), 15,35 (Paulo e Barnabé), 18,8 (Crispo), 25,22; 26,1.32 (Agripa).

³⁷⁷ Em Lucas: 22,58 (Pedro), 23,6.13 (Pilatos). Em Atos: 7,54 (os que apedrejaram Estevão), 8,3; 9,22 (Saulo), 8,9 (Simão, o mágico).

verbal hebraica וַיְהִי no wayyiqtol, וַיְהִי , e *aconteceu, e veio*; em segundo lugar, no uso estilístico, pois $\kappa\alpha\iota \ \acute{\epsilon}\gamma\acute{\epsilon}\nu\epsilon\tau\omicron$ constitui uma espécie de refrão a respeito do *temor que veio sobre a igreja* e que será ampliado semanticamente, dando vida ao texto como evento comunicativo no que tange ao juízo divino, como veremos. No entanto, a fórmula $\acute{\epsilon}\gamma\acute{\epsilon}\nu\epsilon\tau\omicron \ \delta\grave{\epsilon}$, presente no texto em 5,7 que, na LXX, também é utilizada como tradução de וַיְהִי , funciona, não como parte do refrão ou algo semelhante, mas para introduzir Safira, esposa de Ananias, no texto³⁷⁸.

Deste modo, percebe-se novamente a maestria do autor ao utilizar $\acute{\epsilon}\gamma\acute{\epsilon}\nu\epsilon\tau\omicron$ $\delta\grave{\epsilon}$ e não $\kappa\alpha\iota \ \acute{\epsilon}\gamma\acute{\epsilon}\nu\epsilon\tau\omicron$ para apontar um novo personagem importante na trama, o que favorece a hipótese de que a utilização de $\delta\acute{\epsilon}$ em 4,36, 5,1 e 5,7 pode compor, sintaticamente, a força da antítese através dos três personagens principais da trama: Barnabé, o modelo, e Ananias e Safira, os anti-modelos. A partícula teria então, nestes versos, uma nuance especial e vivaz, como vimos, denotando exemplaridade no evento comunicativo da narrativa, argumento que seria plausível também se levarmos em conta o texto oral, lido ou contado para os ouvintes nas primeiras comunidades que a ele tiveram acesso.

Outras três partículas com menos ocorrências também compõem o texto – $\alpha\lambda\lambda\acute{\alpha}$, $\gamma\acute{\alpha}\rho$ e $\tau\epsilon$. A primeira, $\alpha\lambda\lambda\acute{\alpha}$, é a conjunção adversativa utilizada em todo o Novo Testamento³⁷⁹ e na LXX³⁸⁰, traduzida por *mas, porém, contudo, todavia*. Seu campo semântico é sempre adversativo, portanto sempre estabelece o jogo de oposições entre orações que se seguem. Este é o caso em 4,32c “... mas era para eles próprios tudo comum” e em 5,4c “não mentiste para os homens, mas para Deus”.

A segunda, $\gamma\acute{\alpha}\rho$, traduzida por *pois, na verdade, com efeito, de fato*, é a partícula anafórica explicativa por excelência³⁸¹ e uma das mais utilizadas no Novo Testamento, apesar de não ser traduzida em muitas versões em inglês³⁸² e

³⁷⁸ Fazendo um balanço de ocorrências na obra lucana, temos $\kappa\alpha\iota \ \acute{\epsilon}\gamma\acute{\epsilon}\nu\epsilon\tau\omicron$ por 61 vezes em Lucas e 32 vezes em Atos; já a fórmula $\acute{\epsilon}\gamma\acute{\epsilon}\nu\epsilon\tau\omicron \ \delta\epsilon$ é utilizada, no Novo Testamento, somente na obra lucana: 17 vezes em Lucas e 20 em Atos.

³⁷⁹ 595 ocorrências.

³⁸⁰ 367 ocorrências.

³⁸¹ Aristóteles a usa constantemente para explicar ou demonstrar um postulado (MURACHCO, 2007, p.634).

³⁸² Cf. BLASS; DEBRUNNER, 1961, p.235.

em português³⁸³. É importante dizer que γάρ é uma somatória de uma partícula enfática restritiva, intensiva, γε, e uma aditiva de ajuste – ἄρ/ἄρα. Isto porque é com estas abrangências de sentido – a ênfase e a adição – que ela é empregada no texto, em 4,34, por duas vezes, iniciando o jogo antitético no sumário sobre a vida em comum na Igreja nascente³⁸⁴, que será retomado no contraste entre Barnabé e Ananias e Safira.

A última partícula, τε³⁸⁵, traduzida por *e, também, e também*, com apenas uma ocorrência no texto, em 4,33, marca não um fato novo, mas complementar e relevante – o resultado ao poder com que os apóstolos davam o testemunho da ressurreição do Senhor Jesus: *e também (τε) grande graça estava sobre todos eles*. Segundo Murachco³⁸⁶, a ação de τε é mais globalizante, mais adicionante que καί, que é mais enumerativa, mais solta. Assim, se o fato de a graça que estava sobre eles fosse uma simples continuidade da obra que realizavam, certamente o autor teria utilizado καί, como o faz tantas outras vezes no texto.

Ainda, surpreendem o fato de τε possuir 151 ocorrências em Atos³⁸⁷, mais do que o dobro de todas as ocorrências no Novo Testamento, e de que o τε isolado – sem estar seguido ou relacionado a καί – não é habitual no grego ático³⁸⁸, no entanto é especialmente utilizado na poesia grega de maior sofisticação, o que comprova, mais uma vez, como temos visto, a influência de modelos da literatura grega, principalmente a poesia, na narrativa de Atos.

4.1.2

Delimitação do texto – elementos sintáticos e semânticos e algumas projeções pragmáticas

³⁸³ Nas versões em português, A Bíblia de Jerusalém omite o vocábulo *pois*, que traduziria γάρ. As versões de João Ferreira de Almeida, tanto corrigida quanto atualizada, empregam *pois*.

³⁸⁴ Veremos maior exposição à frente, a partir da p.110.

³⁸⁵ Para Jean Humbert, καί, τε e δέ são as três partículas aditivas que têm por objetivo indicar que se apresenta um fato ou uma ideia nova. Para tal, καί e τε são as mais importantes e δέ, como vimos, depende da relação semântica com a oração ou ideia que se segue (HUMBERT, 1993, p.373).

³⁸⁶ MURACHCO, 2007, pp.682-683.

³⁸⁷ Distribuídas igualmente em todas as seções de Atos. Quantitativamente, e utilizado isolado ou unido a καί, τε é seguido de 19 ocorrências em Hebreus, 14 em Romanos e 8 em Lucas. No restante do Novo Testamento, são muito poucas as ocorrências: 3 em Mateus, João e 1 Coríntios, 2 em 2 Coríntios e 1 em Efésios, Filemon, Tiago, Judas e Apocalipse.

³⁸⁸ Não nos esqueçamos do valor de τε unido a καί em Platão ao anunciar o homem de bem na *República*: quando o faz, apresenta, como vimos em 2.2, a fórmula καλός τε κάγαθός no masculino (402a1) ou καλόν τε κάγαθόν no neutro (489e4).

Quanto à delimitação anterior e posterior da perícope em estudo, vejamos.

No início do texto, temos o corte 4,31-4,32. No nível sintático, temos a partícula *δέ* como delimitadora, apontando a continuação da narrativa, porém com um novo assunto a ser tratado. O sumário da perícope, isto é, os vv.32-35, é iniciado com a partícula conjuntiva *δέ* com sentido continuativo, seguida por quatro ocorrências de *καί*. A partícula *δέ* só será utilizada novamente com a mesma força semântica logo no início de 4,36.

É importante notar também que o texto apresenta preponderância da coordenação sobre a subordinação³⁸⁹ e esta última se dá ainda em de orações reduzidas de particípio³⁹⁰, que denotam valor nominal adjetivo. Nas orações coordenadas sindéticas, prevalece a oração aditiva, sempre marcada pela conjunção *καί*, cujo número de ocorrências e cuja relevância precisa ser considerada, como vimos acima, principalmente na fórmula que compõe o refrão do texto, *καὶ ἐγένετο*, presente em 5,5.11. Esta estrutura sintática elaborada a partir de *δέ* seguida por uma, duas e até quatro ocorrências de *καί* repetir-se-á em toda a perícope, constituindo uma marca formal bastante significativa na delimitação³⁹¹.

A terceira marca sintática que chama a atenção é o mapa pronominal do texto em análise. Há um número considerável de pronomes pessoais de segunda e de terceira pessoas, os dêiticos³⁹², em todo o texto de 4,32–5,11, os quais marcam bem sua estrutura narrativa e o valor dos diálogos e dos interlocutores. No sumário, 4,32-35, estruturado em terceira pessoa, há masculinos plurais, relativos à *multidão dos que criam*³⁹³. Nas duas exemplificações do sumário, onde se intercalam narrativa e diálogo, ocorrem os masculinos singulares, para Barnabé e

³⁸⁹ Na verdade, em todo o texto, só há uma oração subordinada adverbial comparativa no verso 34 – ὅσοι γὰρ κτήτορες χωρίων ἢ οἰκίων ὑπῆρχον, *assim como muitos possuidores de campos ou de casas havia*, marcada por ὅσοι γὰρ.

³⁹⁰ E duas reduzidas de infinitivo em 5,3, quanto à atitude de satanás e a passividade de Ananias em relação a ele – ψεύσασθαί σε..., *fazendo-te mentir* e νοσφίσασθαι..., *fazendo pôr de parte*.

³⁹¹ Esta sequência formada por *δέ* e *καί* não ocorre no texto que antecede nem no que se segue a 4,32–5,11.

³⁹² Importa dizer que os pronomes têm sua origem na oralidade e que são, basicamente, de 1ª e de 2ª pessoas, *eu*, *tu*, e sempre pertencentes ao eixo do diálogo; sendo assim, não há, na realidade, ‘pronomes pessoais de 3ª pessoa’, *ele*, pois estes são, naturalmente, dêiticos, anafóricos, indicadores de um contexto situacional, e não fazem parte diretamente do diálogo. É esta a origem dos ‘pronomes’ de 3ª pessoa, desde o grego e o latim até as línguas modernas (cf. MURACHCO, 2007, p.163-165).

³⁹³ Em 4,32, ἀλλ’ ἦν αὐτοῖς ἅπαντα κοινά, *era para eles tudo comum*, 33, ἐπὶ πάντας αὐτούς, *sobre todos eles*, e 34, ἐν αὐτοῖς, *neles*.

para Ananias e os femininos singulares relativos à Safira. Quanto a Barnabé, há apenas uma ocorrência em terceira pessoa, em 4,37, a qual dá ênfase *ao campo que possuía para si*³⁹⁴ e que poderia, pela estrutura da oração, ter sido omitido por estar subentendido. No entanto, o autor faz questão de utilizá-lo, devido à importância desta informação como questão central da problemática que o texto apresenta.

Quanto a Ananias e Safira, o que se tem é uma riqueza de pronomes na segunda pessoa, inseridos no eixo do diálogo e, portanto, relevantes quanto à presença dos interlocutores³⁹⁵, indicando, pragmaticamente, um ‘apontador’ e um ‘aproximador’ do evento comunicativo do texto³⁹⁶. Neste íterim, é valiosa a percepção de que, nas falas de Pedro, Ananias, que não pronuncia palavra alguma, tem para si cinco ocorrências marcantes de usos diferentes do pronome σύ³⁹⁷ em apenas dois versos – 5,3-4; Safira, por sua vez, que ganha voz no texto, responde a Pedro, ainda que seja em uma única frase, e possui, na fala dele, duas ocorrências do pronome σύ³⁹⁸.

Fora do eixo do diálogo, também é vasta a utilização dos pronomes de terceira pessoa, tanto para Ananias, com três ocorrências³⁹⁹, quanto para Safira, com quatro ocorrências⁴⁰⁰. A importância que é dada à convivência de Safira como anti-modelo daquilo que deveria se refletir na comunidade ouvinte-leitora do texto é expressa nas duas ocorrências de αὐτήν, *ela*, em 5,8.9 nas perguntas de Pedro⁴⁰¹: em ambas é notória a intenção do autor em expressar o pronome αὐτήν. Nas interrogações da *koiné* no Novo Testamento é muito utilizado o interlocutor expresso através do dêitico, o indicador pelo pronome pessoal, quando se quer lhe

³⁹⁴ Em 4,37, ὑπάρχοντος αὐτῷ ἀγροῦ.

³⁹⁵ Há, ainda, em 5,8b, uma ocorrência de μοι, *para mim*, bastante relevante a respeito de Pedro, quanto este faz a pergunta central a Safira: εἰπέ μοι, εἰ τοσούτου τὸ χωρίον ἀπέδοσθε; diga para mim, se [foi] de tanto a propriedade vendida? Para maiores detalhes, veja o mapa pronominal no anexo deste trabalho.

³⁹⁶ Pragmaticamente, não seriam Ananias e Safira os indicadores do problema que estaria acontecendo na Igreja nascente, quando a comunidade começou a crescer em número? É mister pensarmos na intencionalidade do autor, como temos visto, e na recepção da comunidade ouvinte-leitora que, certamente, entendeu a força comunicativa do diálogo entre Pedro e Ananias e Safira, e o resultado das atitudes destes e do diálogo travado – a excomunhão da comunidade dos bens pela morte fulminante que a todos atemorizou.

³⁹⁷ Em 5,3, σοῦ, σε; em 5,4, σοὶ, σῇ, σου. Para melhor visualização, inclusive da nota seguinte, consulte a tradução no Anexo1.

³⁹⁸ Em 5,9, σου, σε.

³⁹⁹ Em 5,1.6.7.

⁴⁰⁰ Em 5,8.9.10, sendo duas vezes neste último.

⁴⁰¹ Em 5,8, ἀπεκρίθη δὲ πρὸς αὐτήν Πέτρος, *perguntou, pois, a ela, Pedro*; em 5,9, ὁ δὲ Πέτρος πρὸς αὐτήν, *Pedro, pois, a ela [perguntou]*.

dar ênfase⁴⁰². Fechando o mapa de pronomes pessoais, Pedro conta, por sua vez, com uma ocorrência a ele referente, em 5,10a⁴⁰³.

Ainda, outros pronomes que possuem ocorrências no texto são os indefinidos de identidade *τις, τι*⁴⁰⁴, *alguém, algo*, a sua versão com o interrogativo *τί, o quê?*, nas construções *διὰ τί*⁴⁰⁵, *por quê?* e *τί ὅτι*⁴⁰⁶, *por quê?, por qual motivo?* e os demonstrativos *τοῦτο, τούτους* e *ταῦτα*⁴⁰⁷, *este, isto, estas coisas*. Quanto a estes últimos, é relevante a sua utilização, pois nas três ocorrências em que aparecem, denotam especificidade e, principalmente, o valor da coisa especificada: *o fato* de Ananias cometer tal erro – *este fato*; *as palavras*⁴⁰⁸ que ele ouve de Pedro e que o fazem cair morto – *estas palavras*; *as coisas* que foram ouvidas por todos e geraram grande temor – *estas coisas*.

Uma quarta marca sintática é a presença do pronome-adjetivo *πάντα, tudo, todo* e suas variantes – *ἅπαντα, tudo* e *ἐκάστω, para cada um, para todos* – e mormente a sua disposição espacial no texto: no sumário que o inicia⁴⁰⁹ e no ‘refrão’ que divide os relatos sobre Ananias e Safira e fecha a perícopa⁴¹⁰. É interessante notar que *πάντα* e suas variantes determinam ‘um *tudo* que se amplia’. No sumário, representa a comunidade que participa da comunhão dos bens: 1) sobre a qual tudo era comum⁴¹¹; 2) sobre a qual estava grande graça⁴¹²; 3) para a qual tudo era distribuído de acordo com a necessidade de cada um/de todos⁴¹³. No evento das mortes de Ananias⁴¹⁴ e Safira⁴¹⁵, *πάντας* designa, de forma ampliante,

⁴⁰² Somente na obra lucana temos 77 ocorrências em Lucas e 27 em Atos, utilizando *πρός* e o interlocutor.

⁴⁰³ ἔπεσεν δὲ παραχρήμα πρὸς τοὺς πόδας αὐτοῦ καὶ ἐξέψυξεν, *caiu [Safira] pois imediatamente diante dos pés dele e expirou*.

⁴⁰⁴ Três ocorrências para *τις* – 4,34.35; 5,1 e duas para *τι* – 4,32; 5,2.

⁴⁰⁵ Uma ocorrência – 5,3.

⁴⁰⁶ Duas ocorrências – 5,4.9.

⁴⁰⁷ Cada um com uma única ocorrência – 5,4.5.11, respectivamente.

⁴⁰⁸ Segundo a tese *How to Kill Things with Words: Ananias and Sapphira Under the Apostolic Prophetic Speech-Act of Divine Judgment (Acts 4:32–5:11)*, de David R. McCabe, 2008, as palavras de Pedro podem ser consideradas palavras de imprecação, re-significadas no ambiente do Novo Testamento pelo apóstolo, com cuja força também eram expressas no Antigo Testamento pelos profetas. Como vimos, McCabe faz, na tese, a aplicação da *Teoria dos Atos de Fala* de J.L. Austin como arcabouço teórico.

⁴⁰⁹ Em 4,32.33.35.

⁴¹⁰ Em 5,5.11.

⁴¹¹ Em 4,32, ἀλλ’ ἦν αὐτοῖς ἅπαντα κοινά.

⁴¹² Em 4,33, χάρις τε μεγάλη ἦν ἐπὶ πάντας αὐτούς.

⁴¹³ Em 4,35, διεδίδετο δὲ ἐκάστω καθότι ἂν τις χρεῖαν εἶχεν.

⁴¹⁴ Em 5,5, καὶ ἐγένετο φόβος μέγας ἐπὶ πάντας τοὺς ἀκούοντας.

⁴¹⁵ Em 5,11, καὶ ἐγένετο φόβος μέγας ἐφ’ ὅλην τὴν ἐκκλησίαν καὶ ἐπὶ πάντας τοὺς ἀκούοντας ταῦτα. Veremos adiante a ampliação dos ouvintes atemorizados no ‘caso Safira’.

não só a comunidade dos bens, mas *todos que* estavam ali e *ouviram* aquelas coisas que aconteceram, e por isso lhes sobreveio um grande temor.

Partindo do que acabamos de verificar, propõe-se uma hipótese: não seria πάντα um elemento que comporia um eixo comunicativo ao longo de todo o texto? Não haveria, no texto, uma ‘ironia lucana’? Isto porque, para além da marca sintática/formal de πάντα e de suas variantes no texto em estudo, estão implícitas algumas informações relevantes acerca dos personagens Barnabé, Ananias e Safira. Sobre Barnabé, ficam ‘implicitamente claros’ dois fatos: em primeiro lugar, ele doou à comunidade, depositando aos pés dos apóstolos, *todo* o valor do campo que vendera. Se assim não fora, a antítese central do texto teria um elemento dissonante ao ser construída; em segundo, ele doou porque realmente fazia parte *do* πάντα, *do todo* daquela comunidade e assim se sentia, comprometido com ela.

Ananias e Safira, por outro lado, não doaram πάντα do preço do terreno que venderam. Exatamente aí iniciava-se a problemática. Eles separaram uma parte para si e disseram que deram πάντα. Analogamente, assim como Barnabé doou *tudo* porque *do todo* se sentia e fazia parte, o casal Ananias e Safira *não* doou *todo* o valor que possuíam porque, na realidade, não faziam e nem se sentiam parte *do todo*. Queriam apenas demonstrar isso aparentemente, sem comprometimento com a ‘realidade’ que se mostra no texto. Considerando-se a ironia uma figura de linguagem que possui o grande poder de aproximar o ouvinte-leitor do texto e fazê-lo memorizar o acontecimento ironizado, estamos diante de uma estrutura sintática que não pode ser destrinchada dos aspectos semântico e pragmático⁴¹⁶. E de um evento que, por seu impacto provocado no ouvinte-leitor, constituído por um modelo comportamental de exemplo e contra-exemplo baseado na ironia, seria rememorado onde quer que fosse ouvido⁴¹⁷.

⁴¹⁶ Temos aqui, na ironia criada pela utilização do vocábulo πάντα e de suas variantes, um perfeito exemplo de aplicação da teoria dos *jogos de linguagem* de Wittgenstein, formulada, pela primeira vez, no *Livro Azul* (ditado aos seus alunos em 1933-34), e tendo seu pleno desenvolvimento nas *Investigações Filosóficas* (publicado em 1945).

⁴¹⁷ Como trabalhamos em 2.1.2, Homero apresenta, de modo irônico, um exemplo de antítese ao herói (no caso Aquiles), na descrição de Tersites, um homem do povo, a quem não era dada *isegoria*, e que toma a palavra na assembleia. Exemplos mais próximos de nós quanto a essa ironia provocada pela antítese podem ser vistos em *Dom Quixote*: como pensar neste herói alucinado sem Sancho Pança – seu contraponto, o realista? Temos ainda uma obra elaborada sobre essa antítese causadora de ironia em *O Visconde partido ao meio*, texto de literatura fantástica de Ítalo Calvino, que expõe as duas metades de um mesmo homem, opostas entre si, em luta pelo amor de uma mesma mulher e assolando toda uma cidade por isso.

Pela análise feita, é valioso notar que a sintaxe, no jogo que manifesta das relações entre as palavras, e também apresentando as marcas formais do texto, é o continente que abarca os eixos comunicativos do texto, ao mesmo tempo em que ‘fere’ o ouvido da do ouvinte-leitor que com este tem o primeiro contato. Quanto ao estudioso do texto, a sintaxe é o elemento que abre as chaves para que se percebam as escolhas vocabulares e seus usos, ou seja, abre-se o caminho para a semântica.

No nível semântico temos uma expressão bastante valiosa ao texto e que também parece compor um eixo temático comunicativo no qual se reafirma a unidade do texto e que comporta, de um modo mais sutil, uma nota irônica: os pés dos apóstolos⁴¹⁸. Esta expressão – os pés dos apóstolos – repete-se de forma idêntica por três vezes para designar metaforicamente onde se punha o dinheiro da comunidade para ser administrado pela liderança da mesma: a primeira vez, no sumário; a segunda, no ato de Barnabé; a terceira, na atitude de Ananias. Tal fato demonstra tanto a confiança dos participantes da comunidade quanto a autoridade dos apóstolos diante destes. A questão crucial do texto está na retomada da expressão *diante dos pés dele* – de Pedro – e na situação em que se dá tal retomada: a morte de Safira. O autor parece nos querer novamente chamar a atenção para o impacto constante na narrativa: aqueles que não depositam sua oferta, com sinceridade e verdade, diante dos pés dos apóstolos, podem sofrer uma sanção e virem a ser, eles mesmos, ‘depositados’ sem vida, aos mesmos pés.

Ainda quanto à delimitação inicial da perícopes – 4,31-32 –, temos a confirmação a respeito da completa mudança de assunto. Unindo os dois níveis, sintático e semântico, percebemos que o corte feito é tão brusco, ou seja, os assuntos são tão diferentes, que todas as traduções em língua portuguesa pesquisadas e, principalmente a Bíblia de Jerusalém, com a qual trabalhamos, omitem completamente a tradução da partícula *δέ*. Não se lê nenhum *pois, então, porém, no entanto*. O assunto a respeito da comunidade dos bens da Igreja nascente é introduzido de forma objetiva e simples – a primeira oração é nominal⁴¹⁹, e não possui sequer um elemento coesivo nas traduções em língua portuguesa, como o *δέ* no original grego. O assunto tratado na perícopes

⁴¹⁸ Em 4,35.37; 5,2 como τοὺς πόδας τῶν ἀποστόλων e retomado em 5,10 como τοὺς πόδας αὐτοῦ (os pés dele – de Pedro).

⁴¹⁹ Esta oração é formada por sujeito + verbo de ligação no imperfeito + predicativo do sujeito.

imediatamente anterior tem como escopo o anúncio da palavra de Deus com ousadia, bem como a resistência a ela, o hábito da oração na comunidade da Igreja nascente e a presença plena do Espírito Santo, fortalecendo o anúncio da palavra.

A delimitação final do texto de Nestle-Aland encontra-se em 4,37-5,1. Assim entendemos porque um novo capítulo surge. Imediatamente após o segundo sumário a respeito da comunidade dos bens da Igreja nascente⁴²⁰, temos uma exemplificação sobre este comportamento – o desprendimento e a generosidade – através do personagem Barnabé. Do mesmo modo como o texto grego não impõe uma divisão entre o fato coletivo – o comportamento da comunidade – e o modelo individual – a generosidade de Barnabé – ainda que a partícula δέ surja após o nome Ἰωσήφ (*José*), propomos que a delimitação final ocorra apenas em 5,11. Isto porque, como vimos, as narrativas sobre os dois modelos opostos – o de Barnabé e o de Ananias e Safira – estão intrinsecamente ligadas pelo eixo do comportamento (generosidade/verdade e avareza/mentira) e pela presença da coletividade (πάντα) que participa de todo o processo, seja como agente – no início da perícopes –, seja como espectadora – no fim da mesma. Assim, teríamos o corte posterior em 5,11-12.

Este corte posterior também pode ser embasado nos dois níveis propostos acima para o corte anterior. Retomando o nível sintático, temos duas observações: novamente a presença da partícula δέ⁴²¹ em 5,10, para introduzir um novo assunto (um novo “parágrafo”), seguida de καί e, também, a mudança daquele que pratica a ação, antes sujeito – e agora agente da passiva. Quanto a esta última informação, vejamos: em 5,3-11, o apóstolo em evidência é Pedro; a partir de 5,12, há a designação genérica “os apóstolos”. Mais especificamente, o agente da passiva são “as mãos dos apóstolos”⁴²², as quais fazem muitos sinais e maravilhas no meio do povo⁴²³.

Queremos apontar, ainda, uma inclusão percebida na construção das orações de 4,32 – que abre a perícopes – e 5,11 – que a encerra. Percebe-se que, em 4,32, temos *a multidão dos que criam* para os quais *tudo era comum*, ou seja, temos toda a igreja envolvida comunidade dos bens, conforme referimo-nos antes

⁴²⁰ O primeiro sumário, como vimos, encontra-se em Atos 2,42-47.

⁴²¹ Διὰ δὲ τῶν χειρῶν τῶν ἀποστόλων ἐγίνετο σημεῖα καὶ τέρατα πολλὰ ἐν τῷ λαῷ.

⁴²² Deve-se notar, ainda, a presença da expressão “pés dos apóstolos” presente em toda a perícopes e da qual falaremos em seguida.

⁴²³ Διὰ δὲ τῶν χειρῶν τῶν ἀποστόλων ἐγίνετο σημεῖα καὶ τέρατα πολλὰ ἐν τῷ λαῷ.

ao πάντα. Em 5,5.11, temos, do mesmo modo, o refrão acerca do grande temor que veio sobre uma ‘multidão’ – primeiro, sobre *todos aqueles que ouviram* o ocorrido com Ananias; segundo, de modo ampliado, sobre *a igreja inteira e todos aqueles que ouviram estas coisas* [o ocorrido com Safira]. Desta maneira, temos o envolvimento de toda a comunidade no repartir dos bens e também no temor da responsabilidade com os mesmos.

Em nível semântico, quanto ao eixo espacial, 5,12 introduz um ambiente totalmente novo e diferente. Em 5,1-11, a cena acontece em um local no qual Pedro se encontra, interno, pois aqueles jovens que sepultaram Ananias “estão à porta”⁴²⁴ (5,9). Em 5,6 os jovens transportam o corpo morto de Ananias “para fora” e em 5,10 os jovens certamente entram no local porque “acharam ela [Safira] morta” e levam-na “para fora”⁴²⁵ a fim de que seja sepultada junto a seu marido. Já em 5,12b – onde haverá o corte posterior da perícope, encontram-se “todos juntos” em um local totalmente diferente e externo – o Pórtico de Salomão⁴²⁶. O assunto introduzido – os sinais e maravilhas realizados pelas mãos dos apóstolos – continuará a ser tratado até 5,16 e a figura de Pedro entrará em evidência novamente, agora como elemento de cura física e libertação dos atormentados por espíritos impuros.

4.2

A comunidade dos bens na Igreja nascente

O texto que estamos analisando possui uma estrutura bem coerente, cujos elementos coesivos interligam frases e palavras de modo “bem amarrado”, o que demonstra a destreza linguística do autor de Atos dos Apóstolos. Ele – o texto – pode ser considerado, conforme os pressupostos de Wilhelm Egger⁴²⁷ para os

⁴²⁴ ...ἐπὶ τῇ θύρᾳ...

⁷⁴ A ênfase “para fora” é dada através do verbo ἐξενέγκαντες, utilizado para ambos, Ananias e Safira. A preposição ἐκ, posta como prefixo do verbo, é quem dá a nuance, já que denota o movimento de dentro para fora.

⁷⁵ καὶ ἦσαν ὁμοθυμαδὸν ἅπαντες ἐν τῇ στοᾷ Σολομῶντος,...

⁷⁶ EGGER, 1994, p.25.

estudos exegéticos do Novo Testamento, como um texto unitário, pois suas partes remetem umas às outras e podem ser explicadas na relação mútua entre as mesmas. Vejamos sua estrutura e, posteriormente, os elementos específicos que estabelecem a coesão da perícopes.

Inicialmente, postulamos a presença de um quiasmo com base na antítese que se faz clara no texto e tendo esta como elemento central. Contribuem para tal – o que consideramos uma estrutura quiástica de repetições – alguns elementos já analisados: 1) o refrão do texto, marcado por expressões que se repetem *ipsis verbis*; 2) a questão do πάντα; 3) o ‘depósito’ aos pés dos apóstolos; 4) a inclusão literária da ‘multidão’; 5) a venda do ἀγρός de Barnabé e do κτήμα de Ananias e Safira; 6) os ‘pés’ dos apóstolos e também de Pedro; 7) a apresentação do modelo Barnabé e do anti-modelo Ananias e Safira na comunidade, entre outros. Devido à sua estruturação específica, faz-se necessária a apresentação do quiasmo por meio de um quadro, com cores, a fim de que seja facilitado o seu entendimento por meio da disposição na visualização:

Quiasmo e notas	Texto
A	³² Τοῦ δὲ πλήθους τῶν πιστευσάντων ἦν καρδία καὶ ψυχὴ μία, καὶ οὐδὲ εἷς τι τῶν ὑπαρχόντων αὐτῷ ἔλεγεν ἴδιον εἶναι ἄλλ’ ἢν αὐτοῖς ἅπαντα κοινά.
A1	³³ καὶ δυνάμει μεγάλῃ ἀπεδίδουν τὸ μαρτύριον οἱ ἀπόστολοι τῆς ἀναστάσεως τοῦ κυρίου Ἰησοῦ, χάρις τε μεγάλῃ ἦν ἐπὶ πάντας αὐτούς.
B/ B1 (eixo πόδας)	³⁴ οὐδὲ γὰρ ἐνδεής τις ἦν ἐν αὐτοῖς· ὅσοι γὰρ κτήτορες χωρίων ἢ οἰκιῶν ὑπῆρχον, πωλοῦντες ἔφερον τὰς τιμὰς τῶν πιπρασκομένων.
	³⁵ καὶ ἐτίθουν παρὰ τοὺς πόδας τῶν ἀποστόλων, διεδίδετο δὲ ἑκάστῳ καθότι ἂν τις χρεῖαν εἶχεν.
C/C1	³⁶ Ἰωσήφ δὲ ὁ ἐπικληθεὶς Βαρναβᾶς ἀπὸ τῶν ἀποστόλων, ὃ ἐστὶν μεθερμηνεύμενον υἱὸς παρακλήσεως, Λευίτης, Κύπριος τῷ γένει,

B²/B1⁺ (eixo πόδας) C²/C1⁺ Não-B1 B²/B1⁺ (eixo πόδας) [inclusão de Pedro] X₁ Não-B1+ Não-B1* Não-B1+ Y₁ A1 A Z₁ X₂	³⁷ ὑπάρχοντος αὐτῷ ἄγρου πωλήσας ἤνεγκεν τὸ χρήμα καὶ ἔθηκεν πρὸς τοὺς πόδας τῶν ἀποστόλων. 5:1 Ἄνὴρ δέ τις Ἀνανίας ὀνόματι σὺν σαπφίρῃ τῇ γυναικὶ αὐτοῦ ἐπώλησεν κτῆμα ² καὶ ἐνοσφίσατο ἀπὸ τῆς τιμῆς, συνειδυίης καὶ τῆς γυναικός, καὶ ἐνέγκας μέρος τι παρὰ τοὺς πόδας τῶν ἀποστόλων ἔθηκεν. ³ εἶπεν δὲ ὁ Πέτρος· Ἀνανία, διὰ τί ἐπλήρωσεν ὁ σατανᾶς τὴν καρδίαν σου, ψεύσασθαί σε τὸ πνεῦμα τὸ ἅγιον καὶ νοσφίσασθαι ἀπὸ τῆς τιμῆς τοῦ χωρίου; ⁴ οὐχὶ μένον σοὶ ἔμενεν καὶ πραθὲν ἐν τῇ σῇ ἐξουσίᾳ ὑπῆρχεν; τί ὅτι ἔθου ἐν τῇ καρδίᾳ σου τὸ πρᾶγμα τοῦτο; οὐκ ἐψεύσω ἀνθρώποις ἀλλὰ τῷ θεῷ. ⁵ ἀκούων δὲ ὁ Ἀνανίας τοὺς λόγους τούτους πεσὼν ἐξέψυξεν, καὶ ἐγένετο φόβος μέγας ἐπὶ πάντας τοὺς ἀκούοντας. ⁶ ἀναστάντες δὲ οἱ νεώτεροι συνέστειλαν αὐτὸν καὶ ἐξενέγκαντες ἔθαψαν. ⁷ Ἐγένετο δὲ ὡς ὥρων τριῶν διάστημα καὶ ἡ γυνὴ αὐτοῦ μὴ εἰδυῖα τὸ γεγονός εἰσῆλθεν. ⁸ ἀπεκρίθη δὲ πρὸς αὐτὴν Πέτρος· εἰπέ μοι, εἰ τοσούτου τὸ χωρίον ἀπέδοσθε; ἡ δὲ εἶπεν· ναί, τοσούτου.
--	---

X₃	⁹ ὁ δὲ Πέτρος πρὸς αὐτήν·
Não-B1*	τί ὅτι συμφωνήθη ὑμῖν
Não-B1+	πειράσαι τὸ πνεῦμα κυρίου;
(eixo πόδας)	ἰδοὺ οἱ πόδες τῶν θαψάντων τὸν ἄνδρα σου ἐπὶ τῇ θύρᾳ καὶ ἐξοίσουσίν σε.
Y₂	¹⁰ ἔπεσεν δὲ παραχρῆμα πρὸς τοὺς πόδας αὐτοῦ
(eixo πόδας)	καὶ ἐξέψυξεν·
Z₂	εἰσελθόντες δὲ οἱ νεανίσκοι εὗρον αὐτὴν νεκρὰν καὶ ἐξενέγκαντες ἔθαψαν πρὸς τὸν ἄνδρα αὐτῆς,
(retomada do quiasmo)	
A1'	¹¹ καὶ ἐγένετο φόβος μέγας ἐφ' ὅλην τὴν ἐκκλησίαν
A'	καὶ ἐπὶ πάντας τοὺς ἀκούοντας ταῦτα.

Por ser uma estrutura formada por narrativa e diálogo, sumário e exemplos, encontramos pelo menos dois tipos de quiasmo narrativo e uma outra formação de ênfase pela repetição no diálogo de Pedro com Ananias e Safira, tendo cada parte com sua idiossincrasia. Deste modo, temos:

1) Um quiasmo concêntrico com ênfase em B e partindo dele, com a estrutura A, A1, B, C, B'', C', B', A1', A', entre os versos 4,32-5,2 e retomado em 5,11, contudo contando-se o refrão em 5,5b. Neste:

. A e A' – Os versos 4,32//5,11 fazem a moldura do texto, a partir da multidão dos que criam // de toda a igreja e os que ouviram estas coisas.

. A1 e A1' – Os versos 4,33//5,5b.11a contrastam o grande poder dos apóstolos ao testemunhar a ressurreição do Senhor e a grande graça que estava sobre todos // o grande medo que veio sobre toda a igreja e todos os que ouviram o que acontece com aqueles que 'saem desta graça'.

. B, B'' e B' – Os versos 4,34c-35a//4,37b-c//5,2c apontam os que vendiam seus bens, traziam o valor e depositavam aos pés dos apóstolos. Note-se que esta é a ligação entre o sumário e os exemplos dados – Barnabé e Ananias e Safira e o centro do quiasmo encontra-se em 4,37b-c, com o exemplo positivo de Barnabé. Note-se ainda o eixo 'pés dos apóstolos' nos versos 4,35a//4,37c//5,2c.

. C e C' – Os versos 4,36a-b//5,1a apresentam os títulos para Barnabé e a falta dos mesmos para Ananias e Safira.

2) Dentro do quiasmo apresentado e que marca a passagem entre o sumário e os exemplos, temos um quiasmo antitético acerca destes, os versos 4,34c-5-2, cuja estrutura nomeamos B1, C1, B1'', C1', Não-B1, B1'. Neste há:

. B1 – Os que, vendendo seus bens, traziam o preço das coisas vendidas e depositavam aos pés dos apóstolos, em 4,34c-4,35a (cunho generalizante – elemento comum).

. C1 – José Barnabé e seus títulos – nomeado filho da consolação pelos apóstolos, levita, cipriota, em 4,36.

. B1'' – Barnabé, vendendo seu campo, traz e deposita o valor aos pés dos apóstolos, em 4,37, assim como o fazem os que possuem bens na comunidade.

. C1' – Ananias e Safira sem títulos. Ele é apenas 'um certo homem' que vende um terreno, em 5,1.

. Não-B1 – O elemento discordante – o fato de Ananias ter separado para si parte do preço do terreno, sendo sua cúmplice a esposa, Safira, em 5,2a-b.

. B1' – Ananias traz *uma certa parte* [do valor do terreno vendido] e deposita aos pés dos apóstolos, em 5,2c.

3) Um novo bloco se apresenta no qual será introduzido o diálogo entre Pedro, Ananias e Safira, donde não se pode estabelecer propriamente uma estrutura quiástica, mas elementos que são retomados do que foi dito até então na narrativa e a inserção de fatos que corroboram tanto a antítese entre o modelo Barnabé e o anti-modelo Ananias e Safira, quanto o elemento trágico (o *pathos*) em forma de gradação. Assim, temos dispostos neste bloco:

. X₁, X₂, X₃ – Os versos 5,3a//5,8a//5,9a apontam, pelo narrador, que Pedro irá falar.

. Não-B1+ – Os versos 5,3c//5,4d//5,9b trazem a mentira/tentação ao Espírito Santo/a Deus/ ao Senhor, como complemento da atitude errada de Ananias e Safira de separar parte do dinheiro e demonstrar que tinham oferecido tudo. Note-se, ainda, em 5,9d o eixo 'pés', retomado como 'os pés dos que sepultaram' [o teu marido, isto é, Ananias].

. Não-B1* – O verso 5,3d retoma o ato de separar parte do dinheiro na fala de Pedro a Ananias e o verso 5,9b retoma a anuência de Safira quanto a este ato.

. Y₁, Y₂ – Os versos 5,5a//5,10a-b mostram que ambos – Ananias e Safira, respectivamente, caem mortos. Safira, cai, especificamente, aos pés de Pedro, em 5,10a, retomando-se novamente o eixo ‘pés’.

. Z₁, Z₂ – Os versos 5,6a-b//5,10c-d introduzem os mais jovens que vêm para sepultar tanto Ananias quanto Safira, nesta ordem.

Toda essa estrutura de repetições demonstra a habilidade do autor em construir uma *tessitura* que realmente pudesse impactar o ouvinte-leitor, pela forma como sumário e exemplos se interligam, ora pela repetição de fórmulas idênticas, ora pela de vocábulos, sejam verbos, substantivos ou elementos coesivos.

4.2.1

Sintaxe, semântica e pragmática: relações pelas quais o texto conduz e suscita a réplica do ouvinte-leitor

Quanto aos elementos coesivos, como vimos, todo o texto possui divisões internas que, estabelecidas pela partícula δέ unida a ocorrências de καί, guiam-nos a fim de nos apontar o corte exato entre narrativa e o diálogo/discurso, o que enriquece e facilita muito o entendimento do ouvinte-leitor, tanto da comunidade que primeiro teve contato com o texto quanto nossa, leitores da atualidade. Deste modo, importa-nos analisar com mais detalhes estas “unidades literárias mínimas” que compõem e interligam todo o texto, bem como os elementos linguístico-sintáticos que delas fazem parte e saltam aos olhos.

A divisão interna a que o autor de Atos nos conduz é apontada, como dissemos, pela presença da partícula conjuntiva δέ, preferida pelo mesmo. O texto se inicia em 4,32-35 com uma narração introdutória, contendo um sumário da comunidade dos bens. Dentro do livro de Atos dos Apóstolos, é o segundo sumário com o mesmo escopo. Johannes Munck⁴²⁸ aponta que este sumário já fora ouvido previamente, porém aqui a distribuição dos bens é *re-dita* mais detalhadamente através do uso da expressão *eles depositavam* [o dinheiro] *aos pés dos apóstolos*⁴²⁹. Dada a estrutura com a qual o texto foi escrito, o autor de Atos

⁴²⁸ MUNCK, *The Acts of the apostles*, 1967.

⁴²⁹ “We have previously heard about their property being held in common namely, that the owners sold their property and distributed the money to the needy (ii 44-45). This is retold here in more detail and using the expression *they laid it* [the money] *at the feet of the apostles* (cf. iv 37, v2)” (MUNCK, 1967, p.38).

pode estar utilizando a repetição para tornar enfático o valor da partilha dos bens na Igreja nascente, fazendo questão de deixar tal fato registrado a fim de destacar a sua importância. Este nos parece ser um argumento bastante sólido.

Para F. F. Bruce⁴³⁰, a repetição da descrição da comunidade dos bens de 2,41-47 em 4,32-35 não é garantia suficiente para concluir que são narrativas duplicadas. Bruce comenta que este segundo sumário é uma seção designada para introduzir a problemática dos incidentes de Barnabé e Ananias. Problemática que preferimos nomear Barnabé *versus* Ananias. O sumário de 4,32-35 tem algumas peculiaridades sintáticas e semânticas que marcam a plena conexão entre estes versículos e o restante da perícope que estabelecemos para analisar. Parece-nos que o autor possui realmente uma predileção pelas relações antitéticas, seja no nível vocabular, seja no temático, e isto faz com que o texto seja construído com leveza e rara beleza. Vejamos tais relações.

O verso 32 já apresenta a antítese entre os vocábulos πλήθους⁴³¹, *multidão* e καρδία καὶ ψυχὴ μία, *um coração e uma alma*. Há ainda a relação de πλήθους com a próxima oração, na qual aparece a construção καὶ οὐδὲ εἷς τι, que podemos traduzir como *e ninguém*, mas que literalmente significaria *nem mesmo um alguém*. Complementando enfaticamente, temos relacionados os termos αὐτῷ ... ἴδιον, [ter algo] *peculiar para si* com αὐτοῖς ἅπαντα κοινά, *tudo lhes era comum*.

Se aplicarmos já neste trecho a projeção pragmática do texto, sinalizando este como evento comunicativo, podemos de antemão refletir: a que paradoxo o autor quer nos levar? De que modo o distanciamento do *mundo do texto* quer demonstrar como uma multidão pode chegar ao ponto de ter um só coração e uma só alma e nenhum necessitado? Como a estes tudo pode ser comum? O autor é idealista a partir deste distanciamento do texto com a realidade que o circunda ou quererá mostrar ao seu leitor que é possível alcançar este nível de comunhão se a

⁴³⁰ BRUCE, 1960, p.129.

⁴³¹ Bruce defende o significado *congregação* para πλήθους. Aponta que o vocábulo designa *multidão* na LXX, por pelo menos 28 vezes, mas por duas vezes (Ex 12,6 e 2 Cr 31,18) representa o hebraico *qahal*, normalmente traduzido por ἐκκλησία. No grego ático, é usado para a comunidade cívica. Se pensarmos que o autor de Atos toma a semântica ática, o termo ganha uma nuance sócio- econômica bem mais efetiva. Bruce comenta ainda que como *congregação cristã* ocorre em 6,2.5 e 15,12.30; como *congregação judaica*, em 2,6; 19,9; 23,7 e 25,24; e com o significado geral de *multidão*, em 14,1; 17,4 e 21,22.

generosidade e o companheirismo forem a mola-mestra desta comunidade que está nascendo? Não nos esqueçamos de que o texto é uma via de mão dupla.

A literatura, em qualquer tempo ou lugar, não somente aponta para o contexto social no qual é produzida – discurso que dá vida e motor para as discussões intermináveis entre historiadores e literatos⁴³² – contudo também manifesta o “mundo do autor”, isto é, o modo como ele enxerga o que lhe rodeia, sua pré-compreensão daquilo que apreende, transformando-o em um mundo alternativo que vai além das convenções sociais nas quais ele – o autor – está inserido⁴³³.

Discutindo o valor dos estudos culturais e sua intersecção com o papel da literatura na sociedade, Jonathan Culler aponta esta – a literatura – como uma instituição paradoxal que, concomitantemente, é o veículo de ideologia e o instrumento para a sua anulação, pois produz algo que segue as convenções, mas também zomba delas, indo além; é o ruído da cultura assim como sua informação, vivendo de expor e de criticar os seus próprios limites⁴³⁴. O que Culler nos mostra é a arte que enxerga o pensamento da sociedade que retrata e transborda-o, transcende-o, pensando o impensado que pode trazer como corolário grandes transformações no *sitz im Leben* dessa mesma arte. Sendo assim, paradoxos e antíteses encontrados na estrutura estilística de um texto podem denotar bem mais do que uma boa construção sintática ou literária.

O texto, tido como uma via de mão dupla, pode relacionar-se com o *sitz im Leben* no qual se encontra, reconstruindo situações concretas às quais pode querer trazer uma resposta a uma questão histórica e real. Do mesmo modo, o texto também pode reconstruir o grupo social a cujo interesse sua formulação corresponde ou se opõe⁴³⁵. Ou ‘mexer nos brios’ da sua comunidade ouvinte-leitora para que algo que está incomodando seja denunciado e resolvido, como parece ser o caso de Atos 4,32-5,11: há uma situação típica – como trabalhar a divisão dos bens e o compartilhar em uma comunidade que está crescendo? Há Barnabés suficientes para fortalecer a generosidade na comunidade? Ou há Ananias e Safiras insurgindo-se no meio dos que seguem o Caminho?

⁴³² Discussão que fica muito interessante e profícua no que tange à obra clássica e aplicarmos no texto bíblico, ao lermos principalmente os primeiros capítulos de LIMA, Luiz Costa, *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

⁴³³ CULLER, 1999.

⁴³⁴ CULLER, 1999, pp.45-47.

⁴³⁵ BERGER, 1998, pp.25-26.

No verso 33, percebe-se que há uma quebra, pois, em lugar de se tratar da comunidade dos bens, fala-se do testemunho dos apóstolos sobre a ressurreição de Jesus, à luz de 1,22; 2,32 e 2,42 e, ainda, retoma-se 4,29-30, referindo-se ao grande poder com que operavam maravilhas⁴³⁶. Estabelece-se, aqui, uma relação sintática de complementaridade, marcada pela partícula pospositiva τε, na qual aparece o adjetivo μέγας: καὶ δυνάμει μεγάλη ἀπεδίδουν τὸ μαρτύριον οἱ ἀπόστολοι... χάρις τε μεγάλη ἦν ἐπὶ πάντας αὐτούς, e *com grande poder os apóstolos davam o testemunho... e grande graça estava sobre todos eles*⁴³⁷.

A construção com o adjetivo μέγας terá ressonância em 5,5 e 5,11, para apontar agora não algo positivo, como é feito acima, mas o temor sobre as pessoas que assistiram a consequência da ação negativa de “mentir ao Espírito Santo”, pelo fato de falar alguma coisa e fazer outra completamente diferente. Por terem agido assim, tanto Ananias quanto Safira foram fulminados e veio um grande temor sobre todos os que ouviram tais coisas⁴³⁸ e, ainda, sobre a igreja inteira⁴³⁹, o que analisaremos adiante.

A relação paradoxal/antitética a nível semântico-vocabular construída pelo autor no verso 32 tem sua continuidade no verso 34⁴⁴⁰, através do jogo οὐδὲ γὰρ... ὅσοι γὰρ, pois nenhum... assim como muitos: os pronomes indefinidos acompanhados de γὰρ demonstram uma relação de oposição perfeita construída pelo autor e reforçam a vida em comum e a generosidade daqueles que possuíam bens e os vendiam, depositando o valor do preço *junto aos pés dos apóstolos* (v.35). Fato é que aqueles que possuíam campos ou casas estavam no meio dessa comunidade que presenciava o testemunho dos apóstolos e sobre a qual estava grande graça. É importante perceber que esse “ato de vender” os bens vem determinado no texto grego como um particípio presente ativo⁴⁴¹ – πωλοῦντες⁴⁴²

⁴³⁶ MUNCK, 1967, p.38.

⁴³⁷ Munck (1967, p.38) aponta ainda a retomada do vocábulo χάρις, *graça*, empregado em 2,47: αἰνοῦντες τὸν θεὸν καὶ ἔχοντες χάριν πρὸς ὅλον τὸν λαόν – louvando a Deus e tendo a graça de todo o povo.

⁴³⁸ καὶ ἐγένετο φόβος μέγας ἐπὶ πάντας τοὺς ἀκούοντας.

⁴³⁹ καὶ ἐγένετο φόβος μέγας ἐφ’ ὅλην τὴν ἐκκλησίαν.

⁴⁴⁰ οὐδὲ γὰρ ἐνδεής τις ἦν ἐν αὐτοῖς· ὅσοι γὰρ κτήτορες χωρίων ἢ οἰκῶν ὑπῆρχον, *pois nenhum necessitado algum estava neles/ entre eles; assim como muitos possuidores de campos ou de casas havia.*

⁴⁴¹ O particípio também é nominativo plural, pois complementa κτήτορες – *possuidores* [de campos ou de casas].

– *vendendo*, o que significa que esta era uma ação contínua de bens também contínuos – *πιπρασκομένων* – o verbo *πιπράσκω*, [as coisas] *vendidas* também se encontra no particípio presente ativo⁴⁴³.

Pode-se inferir então que esta comunidade estava constantemente recebendo em seu seio necessitados e abastados, que, de modo equânime, mantinham o equilíbrio constante no que tange à economia da mesma, pois o preço daquilo que era vendido era posto junto à liderança da comunidade e *era feita a distribuição de acordo com a necessidade que cada um tivesse*⁴⁴⁴. Voltando ao início do verso 34 – *pois nenhum necessitado estava entre eles*⁴⁴⁵, importa dizer que é feita uma espécie de eco do ideal sócio-econômico igualitário proclamado na realidade da sociedade retratada em Deuteronômio 15, cujo verso (4) manifesta: *porque não haverá em ti necessitado [nenhum]*⁴⁴⁶.

a) Verbos

Quanto aos verbos utilizados na perícope e a intrínseca relação entre o sumário de 4,32-35 e sua exemplificação em 4,36–5,11, resta-nos mais uma informação importante que aponta a pragmática do texto estudado, a qual, como vimos, estuda as relações entre o sistema de signos e seus usuários, e em cujo campo semântico *o tempo* das expressões linguísticas é assaz valioso.

Na gramática grega é imprescindível, quiçá essencial, perceber a peculiaridade *aspectual* do ato verbal⁴⁴⁷ empregado em cada oração. Certamente o autor de Atos tinha esse conhecimento e o aplica de forma magistral entre as utilizações neste sumário (4,32-35) e nas suas aplicações – os exemplos de Barnabé e de Ananias e Safira. O elemento que introduz a narrativa – o sumário – apresenta os verbos no imperfeito, o tempo da duração⁴⁴⁸. É o ato verbal que

⁴⁴² O verbo *πολέω* também é utilizado na obra lucana como parte de seu vocabulário econômico em Lc 17,28; 18,22 e 22,36, além de constar em At 4,35 – o texto a que nos referimos –; 4,37 e 5,1. No restante do Novo Testamento só o encontramos em 1 Co 10,25 e Ap 13,17.

⁴⁴³ Neste caso, o particípio é genitivo plural, complementando *χωρίων ἢ οἰκιῶν* – *de campos ou de casas*.

⁴⁴⁴ ...διεδίδετο δὲ ἐκάστῳ καθότι ἂν τις χρεῖαν εἶχεν.

⁴⁴⁵ οὐδὲ γὰρ ἐνδεής τις ἦν ἐν αὐτοῖς...

⁴⁴⁶ ὅτι οὐκ ἔσται ἐν σοὶ ἐνδεής...

⁴⁴⁷ O professor Henrique Murachco aponta que o que chamamos de tempo verbal deveria ser, na gramática grega, chamado corretamente de aspecto verbal. Isto porque, em grego, o tempo delimitador dos fatos não está *no verbo*, mas *no enquadramento do ato verbal*, no tempo que a elocução porta consigo, sendo assim, exterior ao verbo (MURACHCO, 2007, pp.223-225).

⁴⁴⁸ Segundo a professora Guida Horta, “o pretérito imperfeito transfere para o tempo passado a duração da ação ou do estado, exprimindo quase as mesmas noções que o presente, cujo tema

começou e está em movimento, na sua realização, em pleno processamento. Assim, pode *conter* a ideia de hábito, frequência, desdobramento, ampliação e *dar* a ideia de início do processo verbal e também da continuidade⁴⁴⁹. Tal fato enriquece as análises semântica e pragmática da introdução da perícope, pois aponta que o viver em comum e com um só coração não é um ato que se completou, um perfeito, consumado, mas que continua a acontecer, pois é algo inconcluso, imperfeito. A partilha precisa continuar. Entre autor e ouvinte-leitor há um índice do que se estabelece no ambiente no qual foi escrito pelo primeiro e que será percebido facilmente pelo segundo.

Por sua vez, os verbos utilizados para a atitude de Barnabé – o modelo⁴⁵⁰ que precisa influenciar a vida do ouvinte-leitor, pois pode e deve ser seguido – e para a atitude de Ananias e Safira – que deixará o leitor horrorizado, mormente por seu castigo – estão no *tempo*⁴⁵¹ que chamamos em grego de aoristo. Para perceber o aoristo, na verdade, cumpre assinalar que ele denota o ato verbal em sua essência, sem contornos, sem limites⁴⁵². Quando utilizado dentro de um quadro narrativo, como é o caso, o aoristo tem uma nuance *pontual*, isto é, ele enumera fatos que *pontuam* o fio narrativo e, por expressar o tema verbal puro, não tem conotação de duração, continuidade ou término do ato verbal⁴⁵³. Assim, o fato aconteceu e pode acontecer a qualquer momento, pois comporta esta carga semântica⁴⁵⁴. No texto em análise, como em muitos textos gregos em que há

adota”. Ela aponta ainda que o imperfeito, além de insistir sobre *a ideia de duração*, numa narração de fatos passados (*imperfeito histórico*), indica uma *tentativa* no passado ou, ainda, exprime uma *repetição no passado* ou um *hábito adquirido* (HORTA, 1991, pp.160-161).

⁴⁴⁹ MURACHCO, 2007, pp.226-227.

⁴⁵⁰ Neste momento, ao usarmos o termo ‘modelo’, é importante destacar mais uma vez os estudos de William Kurz (1991), como vimos mais detalhadamente em 2.2.3, ao comparar o *anér agathós* platônico e lucano. Kurz quer perceber modelos narrativos a partir de Lucas-Atos que funcionem pragmaticamente por meio da retórica, da *mimesis*, na comunidade primitiva ou, bem entendido, no *leitor implícito* (no conceito de Jauss) de seus escritos. Para tanto, utiliza-se de aspectos da teoria hermenêutica, literária, retórica e pragmática da contemporaneidade, mas também busca exemplificar o(s) gênero(s) literário(s) presente(s) em Lucas-Atos com as perspectivas greco-romanas. Neste último caso, devem-se salientar as perspectivas historiográficas e biográficas do mundo helenístico como próprias de modelos narrativos que visam à imitação, ou nas palavras aristotélicas, à catarse. Esse modelo a imitar, criado cuidadosamente, fica bastante claro na construção narrativa de Barnabé e é enfatizado, como temos visto, pelo modelo às avessas de Ananias e Safira.

⁴⁵¹ Vide na nota 447 o motivo de destacarmos a palavra tempo.

⁴⁵² Etimologicamente, ἄοριστος é o *não limitado pelo tempo*, o *indefinido*, o *indeterminado* (PEREIRA, 1976, p.62).

⁴⁵³ MURACHCO, 2007, pp.234-235.

⁴⁵⁴ Acerca do aoristo, também a professora Guida (HORTA, 1991, p.153) aponta: “o aoristo, inexistente no latim, traduz, especialmente, a *ação verbal em estado puro*, sem considerar nem a sua duração nem o grau de acabamento do processo. Na língua clássica é, por excelência, o *tempo*

presença de imperfeito e aoristo juntos, tem-se a impressão de que o primeiro é utilizado para o cenário geral da narrativa ou do ato – no caso do teatro – e o segundo, o aoristo, para as atitudes dos personagens, como nos exemplos que apontamos a seguir.

Desse modo, quando o autor de um texto grego intenciona enfatizar uma ação e não o tempo em que acontece, pode ‘presentificá-la’ diante do ouvinte-leitor, demonstrando que toda vez que se rememora algo esse algo toma corpo no rememorar. A fim de proceder assim, o autor usa o aoristo, pois este não possui delimitação de duração e àquele importa a ação em si, e não o seu grau de acabamento⁴⁵⁵.

b) Participípios

Outra característica importante na construção sintática do texto em estudo é a grande quantidade de participípios que formam orações subordinadas adjetivas, cujas orações principais utilizam mormente o aoristo. A semântica do aspecto verbal, valiosa para o texto que analisamos, mantém-se, em sua maioria, nos participípios, tanto nos textos clássicos quanto na *koiné* do Novo Testamento. Assim, o participípio perfeito adquire a conotação de uma ideia acabada, concluída. Entretanto, o participípio aoristo designa uma ação que antecede à outra, esta última presente na oração principal, e difere do aoristo indicativo no que tange ao aspecto temporal que abarca. Vejamos, apontando para os dois próximos tópicos⁴⁵⁶, exemplos presentes no trecho de 4,36–5,1 os quais, de antemão, enriquecem nossa compreensão do mesmo.

Veja-se o mapa verbal do texto (os participípios estão marcados com * e os infinitivos com **):

da narração histórica no indicativo, traduzindo-se pelas diversas gamas do passado, inclusive pelo mais que perfeito português, conforme o contexto. O sentido básico do tema do aoristo é o de indicar *um momento qualquer* no processo verbal, seja no início, seja no meio ou no fim de uma ação (*aoristo pontual*)”.

⁴⁵⁵ Por isso, na literatura grega, aoristo é o *tempo* eleito e preferido dos poemas do *aedo* Homero e dos círculos narrativos em torno da *Iliada* e da *Odisseia*, das fábulas de Esopo, das tragédias de Ésquilo, Sófocles e Eurípides e das comédias de Aristófanes no século V a.C., dos textos do Novo Testamento, enfim, o *tempo* que os autores das peças de teatro e os contadores de histórias utilizam para envolver seus ouvintes, sejam estes de qualquer faixa etária.

⁴⁵⁶ Expostos em 3.1.2 e 3.1.3. Preferimos, a fim de tornar a leitura escorreita, comentar os aspectos verbais já nesta oportunidade, mantendo a conexão com os itens tratados adiante.

Verbos	Ação	Movimento	Estado
4.32	πιστευσάντων*		ἦν ὑπαρχόντων* ἔλεγεν εἶναι** ἦν
4.33	ἀπεδίδουν		ἦν
4.34	πωλοῦντες* πιπρασκομένων*	ἔφερον	ἦν ὑπῆρχον
4.35	διεδίδετο	ἐτίθουν	εἶχεν
4.36	ἐπικληθεὶς* μεθερμηνεύμενον*		
4.37	πωλήσας*	ἦνεγκεν ἔθηκεν	ὑπάρχοντος*
5.1	ἐπώλησεν		
5.2	ἐνοσφίσατο	ἐνέγκας* ἔθηκεν	συνειδυίης*
5.3	εἶπεν ἐπλήρωσεν ψεύσασθαί** νοσφίσασθαι**		
5.4	πραθέν* ἔθου ἐψεύσω		μένον* ἔμεινεν ὑπῆρχεν

5.5	ἀκούων* ἐγένετο ἀκούοντας* ἐξέψυξεν	πεσών*	
5.6		ἀναστάντες* συνέστειλαν ἐξενέγκαντες* ἔθαψαν	
5.7		εἰσῆλθεν	Ἐγένετο εἰδυῖα*
5.8	ἀπεκρίθη εἰπέ ἀπέδοσθε εἶπεν		
5.9	πειράσαι**	θαψάντων* ἐξοίσουσιν	συνεφωνήθη
5.10	ἐξέψυξεν	ἔπασεν εἰσελθόντες* ἐξενέγκαντες* ἔθαψαν	εὗρον
5.11	ἐγένετο ἀκούοντας*		

Quanto a Barnabé. O texto de 4,36-37 tem o mapa verbal quase todo composto de aoristos e participios aoristos⁴⁵⁷. Devido à sua generosidade, seu nome foi mudado⁴⁵⁸. A mudança de nome significa mudança de vida e acarreta outras duas ações que vêm logo em seguida no texto: após vender o campo, Barnabé *trouxe* (ἤνεγκεν) e *depositou* (ἔθηκεν) diante dos apóstolos sua oferta. Se aplicarmos a estas ações a marca do aspecto verbal puro do aoristo, no *mundo do texto* de Atos 4,32ss, podemos inferir que a doação de Barnabé não é aquela que tenha limites – ele poderia *trazer* e *depositar* em outros momentos, presentes ou futuros, isto é, poderia doar *sempre*!

Deste modo, para a comunidade ouvinte-leitora do texto, a ação será presentificada a cada vez que for mencionada, e pragmaticamente o exemplo fica estabelecido e marcado *paideticamente*, pois, como aponta Wittgenstein⁴⁵⁹, as palavras não são utilizadas primordialmente para descrever a realidade, mas para realizar algum objetivo. Este objetivo pode se cumprir na primeira comunidade receptora dos textos ou no efeito *iseriano*⁴⁶⁰ do texto sobre o leitor, esteja ele – o leitor – em qualquer tempo e em qualquer lugar.

O mesmo ocorre ao contra-exemplo de Ananias e Safira em relação ao aoristo⁴⁶¹. Em primeiro lugar, as ações próprias de Ananias em 5,1-2: *vendeu* (ἑπώλησεν), *separou para si* (ἐνοσφίσατο), *trazendo* (ἐνέγκας) e *depositou* (ἔθηκεν) estão todas dentro deste aspecto verbal, tendo apenas uma delas no participio (ἐνέγκας). Considerando-se os *pontos* que compõem o fio narrativo e denotam atitudes usuais, praticadas sempre, pode-se pensar que sua morte foi ocasionada pelo modo incorreto da doação. Ananias seria, assim, um anti-tipo na narrativa, representando uma não-comunidade, em que se disseminaria dissimulação, mentira e uma generosidade aparente⁴⁶².

⁴⁵⁷ Apenas um participio – ὑπάρχοντος, *possuindo* – está no presente.

⁴⁵⁸ O participio aoristo passivo ἐπικληθεὶς, *chamado*, demonstra, semanticamente, que esta ação ocorreu porque ele possuía um campo fértil e o vendeu, trazendo o preço aos apóstolos.

⁴⁵⁹ *Investigações Filosóficas*, §23.

⁴⁶⁰ Como apontamos em 2.2.1.1. Estética da Recepção, pp.22-24.

⁴⁶¹ Pode-se aqui fazer menção às ofertas de Caim e Abel, em Gn 4,3-4 e a antítese criada no episódio. A LXX traz o aoristo ἤνεγκεν, *trouxe*, do verbo φέρω, o mesmo utilizado para as atitudes de Barnabé e Ananias, para marcar as ações de ambos os irmãos.

⁴⁶² Dentro da obra lucana, Zaqueu é um bom exemplo para se analisar a questão da generosidade atrelada ao campo econômico (Lc 19,1-10). Em primeiro lugar, é interessante notar que o evangelho de Lucas contém várias passagens em que o dinheiro é enfatizado de alguma forma. Assim, seguem-se, por exemplo, os textos de 12,33; 16,16,1-15; 16,19-29; 18,18-31 que precedem o episódio de Zaqueu, o homem rico e chefe daqueles que cobravam os impostos ao povo. Zaqueu figura, inicialmente, como um *anti-tipo*, odiado pelo povo por sua posição e atitudes. A despeito

Em segundo lugar, temos o aoristo médio nas ações próprias de satanás desencadeadas em Ananias: *fazendo-te mentir* (ψεύσασθαι), *fazendo-te separar para ti* (νοσφίσασθαι). Os dois verbos encontram-se no infinitivo e perdem, assim, os vínculos com o passado pontual⁴⁶³ como acontece com o modo indicativo, por exemplo. Por isso, evidencia-se de modo mais enfático o aspecto ilimitado do aoristo, isto é, a possibilidade de o fato continuar acontecendo é muito maior. Satanás, na visão do autor de Lucas-Atos, poderá continuar sempre insuflando no coração do homem a mentira e a avareza, e este as acolherá. Consequentemente, Pedro diz a Ananias: *mentiste* (ἐψεύσω).

Em terceiro lugar, a consequência das atitudes próprias de Ananias e das que acolheu em seu coração apontam o que *pode vir a acontecer* – e não o que simplesmente aconteceu – àqueles que são avaros e mentirosos: *ao cair morreu*⁴⁶⁴ (πεσὼν ἐξέψυχεν). Semanticamente, um detalhe na morte e que pode elevar o grau trágico do *pathos* no episódio de Ananias e Safira reside em ἐξέψυχεν – de ἐκψύχω. O verbo denota não simplesmente a morte do corpo, ou seja, a morte física. Se assim fora, o autor utilizaria algum verbo derivado de θάνατος como ἀποθνήσκω⁴⁶⁵. A morte de Ananias, bem como a de Safira, que veremos adiante, fez com que, literalmente, saísse-lhes a alma⁴⁶⁶ – ἐκψύχω, pela gravidade do ato praticado⁴⁶⁷.

Quanto à Safira, um fato chama a atenção: os dois participípios a ela relacionados – o primeiro, em 5,1 (συνειδυίης, *ao tomar conhecimento*), sobre o seu conhecimento do ‘plano’ de Ananias, seu marido, e o segundo, em 5,7 (εἰδυῖα, *sabendo*), sobre a morte deste – estão no perfeito e apontam que, na verdade, ela

disso e sendo julgado por todos, Jesus vai à casa de Zaqueu e acontece a mudança de sua mentalidade (μετάνοια) e de valores na área econômica: ele resolve dar a metade de seus bens aos pobres e restitui quaduplicadamente a quem possa ter defraudado. Sua generosidade, agora, passa a constituir-lo como um *tipo* positivo dentro da proposta econômica da narrativa lucana. Vale lembrar a nota da Bíblia de Jerusalém a Lc 19,8: “a lei judaica (Ex 21,37) só previa restituição ao quádruplo para um caso; a lei romana a impunha para todos os furtos manifestos. Zaqueu amplia para si mesmo essa obrigação a todos os prejuízos que tenha podido causar”.

⁴⁶³ Estes vínculos com o passado são sempre marcados pelo aumento temporal ou silábico na raiz dos verbos quando são empregados no aoristo.

⁴⁶⁴ Ao cair morreu – antes de morrer caiu.

⁴⁶⁵ Com ocorrências, na obra lucana, em Lc 8,52.53; 16,22; 20,28.29.32.36 e At 7,4; 9,37; 21,13; 25,11.

⁴⁶⁶ Essa é a figura utilizada por Homero para designar a morte. No Canto XVI, temos o relato da morte de um dos filhos de Zeus, Sarpédon, abatido por Pátroclo: *assim que a psique e o éon vital dele despeguem... a um só tempo, a psique e o acúmen lhe desprende* (vv.453,505).

⁴⁶⁷ Em todo o Novo Testamento e na LXX, só há três ocorrências do verbo em questão, todos na 3ª pessoa do singular do aoristo, com a forma ἐξέψυχεν: Atos 5,5.10 e 12,23.

toma conhecimento da oferta do marido no exato momento em que Ananias fala com ela e da sua morte quando Pedro lhe dá a notícia. Isto ocorre porque, na língua grega, há uma idiossincrasia no verbo οἶδα, *conhecer*, e em seus derivados, que no perfeito assumem o valor de presente⁴⁶⁸. É importante, ainda, perceber que Pedro dá a Safira a oportunidade de falar a verdade, ao questioná-la sobre o preço da venda do terreno, pois ela não tivera, como Ananias, uma atitude premeditada. A mesma oportunidade de retratar-se não é dada a Ananias. Contudo, como Safira mantém a palavra do marido, *caiu* (ἐπεσεν) imediatamente diante dos pés de Pedro e *expirou* (ἐξέψυχεν). Note-se que são utilizados para denotar a morte de Safira os mesmos verbos que o foram para Ananias.

Faz-se mister perceber que um texto, visto realmente como uma *tessitura*, ao ser analisado e *dissecado*, apresenta peculiaridades que certamente o autor põe no jogo narrativo, manifestando uma rede relações sintáticas e semânticas, para serem percebidos pelo ouvinte-leitor. O sumário do texto em estudo não somente introduz a narrativa, como um cenário, mas também já aponta para os atos dos personagens que se seguem e a eles são entretecidos, não podendo deles ser isolado, como pudemos perceber.

4.3.

Barnabé: a pedagogia do exemplo

Encerrado o sumário enfatizando a generosidade dos mais abastados, temos, em 4,36-37, uma exemplificação⁴⁶⁹ através de um modelo extremamente positivo – o de Barnabé. No início desta unidade literária, temos uma característica estilística que chama a atenção – dentro de toda a perícope, o nome próprio de pessoa Ἰωσήφ (*José*) é o único que inicia uma oração, estando no caso nominativo, e tendo δέ como conjunção pospositiva. Todos os outros nomes próprios envolvidos nas ações vêm precedidos de algum elemento, conquanto

⁴⁶⁸ O verbo οἶδα (bem como seus derivados) é um verbo defectivo, cujo perfeito equivale ao presente e cujo mais que perfeito equivale ao imperfeito. Pode-se perceber tal fato em sua própria forma no perfeito, pois é desprovido do redobro, característica que aponta o valor de passado nos perfeitos dos verbos regulares. O particípio perfeito também conserva essa nuance. Para mais informações, veja os Tomos I (pp.152-153) e II (pp.27-29) da Professora Guida Horta, como apontamos durante o estudo deste capítulo. Em verbos regulares, O particípio construído sobre o tema do perfeito exprime o ato acabado, terminado, sob a ideia de aspecto e não de tempo (MURACHCO, 2007, p.276)

⁴⁶⁹ Bruce (1960, p.130) corrobora esta opinião ao dizer que “a descrição da comunidade dos bens é imediatamente seguida por dois exemplos que são entendidos em sua prática de dois modos: um, felizmente; outro, desastrosamente”.

também sejam sujeitos. Se levarmos em consideração toda a obra lucana – Lucas/Atos – veremos que a relação sintática que se faz com Ἰωσήφ é um fato que ocorre poucas vezes⁴⁷⁰ e é um modo de o autor apontar ‘tipos’ proeminentes ou quem ele quer de algum modo destacar⁴⁷¹.

Pensando a perícopes inicialmente como um texto oral, o fato de o verso iniciar com o nome próprio José torna-se uma característica acentuada e carregada de força semântica: o ouvinte do texto terá muito mais facilidade para ter na memória o nome José devido ao modo como este fora empregado – no início da oração. Novamente constatamos que este modo de trazer a lume os personagens é característica da obra lucana, não ocorrendo com os outros evangelistas nem com os demais livros do Novo Testamento⁴⁷².

Como temos apontando ao longo deste trabalho, é nítido perceber ao longo de toda a obra lucana influências da literatura e historiografia gregas, sejam elas no aspecto sintático, semântico, estilístico ou sobre o gênero literário e sobre determinados empregos e construções sintagmáticas ou paradigmáticas que se fazem no texto. Na construção de Barnabé, cujo nome real é José, temos um exemplo muito marcante da ambiência literária grega: o epíteto. O autor diz que *José foi chamado Barnabé pelos apóstolos*⁴⁷³. O verbo utilizado é ἐπικαλέω, o qual traduzido à risca aponta que *foi posto sobre [José] o nome Barnabé*.

Na cultura e literatura gregas desde Homero, o epíteto é uma espécie de sinal que designa o que aquele que o recebe tem de mais marcante, seja uma característica física ou da personalidade do merecedor de tal epíteto. Assim, temos Aquiles, o de pés ligeiros⁴⁷⁴, Pátroclo, o valente filho de Menoécio⁴⁷⁵, Odisseu, o

⁴⁷⁰ Com o nome Barnabé – Βαρναβᾶς – a colocação ocorre por três vezes – 9,27; 12,27; 15,37. Além disso, somente no livro de Atos, o nome de Barnabé ocorre 22 vezes, sendo 8 vezes no nominativo, incluídas as já citadas, 8 no acusativo, 5 no dativo e 1 no genitivo.

⁴⁷¹ Vide nota seguinte.

⁴⁷² A mesma relação e colocação de termos ocorre com os seguintes nomes/personagens: Simão Pedro – Lc 6,14.23.31(2x); Pedro – At 2,38; 3,1; 8,20; Filipe – At 8,40; Estevão – At 6,8; Judas (e Silas) – At 15,32; Moisés – At 3,22; 15,21; Apolo (um Judeu) – At 18,24; Saulo – At 8,1.3; 9,22; 13,9; Paulo – At 15,35.38.40; 19,30 (no genitivo); Samaritano (um certo) – Lc 10,33; Maria Magdalena – Lc 8,2; Jesus – Lc 22,48.

⁴⁷³ Ἰωσήφ δὲ ὁ ἐπικληθεὶς Βαρναβᾶς ἀπὸ τῶν ἀποστόλων... é mister dizer que a forma em que o verbo aparece no verso – particípio aoristo passivo, nominativo masculino singular – é um *hâpax*, o que dá base à exposição feita no parágrafo em curso e, concomitantemente, ao comentário da nota 34.

⁴⁷⁴ *Iliada*, I, 121, 148, 364, 489, IX, 196, 307, 606, 643.

⁴⁷⁵ *Iliada*, XVI, 278, 307, 626, 665, 827; XVIII, 12, 455; XIX, 24.

pleno em argúcia⁴⁷⁶, que remetem às suas características próprias e os tornam personagens de fácil memorização, porque nunca devemos nos esquecer que estamos tratando de uma literatura que primeiramente foi oral. O próprio Platão ficou conhecido na literatura, história e filosofia ocidentais por seu epíteto⁴⁷⁷. As pessoas não sabem ou nem se lembram de seu nome.

O mesmo acontece com José, chamado Barnabé e é assaz peculiar, quiçá específico a ele no texto bíblico⁴⁷⁸. O seu epíteto sobrepuja seu nome, pois a sua generosidade, sua maior marca, cujo cerne é a consolação do próximo, transforma-o, talvez, em um ícone do próprio ato de consolar ou ser generoso. Valioso perceber que temos uma interface cultural no próprio epíteto *Barnabé*, construído ao modo semítico: na sua forma, Βαρναβᾶς provavelmente representa o aramaico *Bar-nawhā* ou *Bar-něwāhā*, *filho do que traz conforto/frescor*. Se *filho da exortação* é o significado, o vocábulo pode ser *Bar-něbiyyā*, *filho do profeta*.

Por fim, o nome José fica totalmente esquecido, suplantado pelo epíteto Barnabé⁴⁷⁹, ao longo de todas as vezes em que ele for citado dali para frente, tanto em Atos quanto nas epístolas paulinas. Munck⁴⁸⁰ aponta dois eventos que merecem nossa atenção: 1) a história de Barnabé pode indicar que aqueles que de fato traziam seus bens para a comunidade eram poucos o suficiente a ponto de serem lembrados e nomeados; 2) as palavras de Pedro em 5,4 – *mantendo-a [a propriedade], não permaneceria para ti e sendo vendida, não estaria em teu*

⁴⁷⁶ *Odisseia* V, 214, VII, 207, 240, 302, VIII, 152. Com relação aos epítetos mais utilizados para Aquiles, Pátroclo e Odisseu, damos aqui apenas algumas referências, pois o número das mesmas é bastante extenso ao longo da épica homérica, a qual compreende a *Iliada* e *Odisseia*.

⁴⁷⁷ Acredita-se que seu nome verdadeiro tenha sido Arístocles; Platão era um epíteto que, provavelmente, fazia referência à sua característica física, tal como o porte atlético ou os ombros largos, ou ainda a sua ampla capacidade intelectual de tratar de diferentes temas, entre eles a ética, a política, a metafísica e a teoria do conhecimento.

⁴⁷⁸ Poderíamos nos perguntar sobre o verso de Mt 10,2: Simão, chamado Pedro. Contudo, ao depararmos-nos com o texto grego, percebemos que o verbo utilizado no particípio é λέγω – Σίμων ὁ λεγόμενος Πέτρος. Ao perceber tal fato, podemos elaborar duas hipóteses: 1) a escolha semântica do autor de Atos é proposital para que seu ouvinte-leitor relembresse a importância do epíteto; 2) o uso do *hápax* ἐπικληθεὶς para Barnabé e não de λεγόμενος – como o utilizam Mateus, Marcos e João e uma única vez Lucas (22,47 em uma outra situação) – é mais um elemento para mostrar a influência da literatura grega e especialmente da obra homérica, a qual utiliza em maior número os epítetos. Além disso, há várias passagens dos evangelhos em que o nome Simão permanece junto a Pedro, preferencialmente em João.

⁴⁷⁹ Βαρναβᾶς... υἱὸς παρακλήσεως – παράκλησις pode significar consolação ou exortação, conforme παρεκάλει em 11,23. O conjunto idiomático υἱὸς παρακλήσεως é caracteristicamente semítico: *filho da exortação* significa *aquele que exorta*: e encontra ressonância em Lc 5,34; 10,6; 16,8 e 22,34.36 (BRUCE, 1960, pp.130-131).

⁴⁸⁰ MUNCK, 1967, p.39.

*poder?*⁴⁸¹ – mostram que esse “trazer a propriedade” e fazê-la comum a todos era um sentimento estritamente voluntário. Sentimento presente em Barnabé.

De fato, nosso ‘herói’ é dado como um modelo daqueles que vivem o ideal proposto no sumário nos vv.34-35. Pode-se perguntar se o gênero de vida desta primeira comunidade cristã não foi influenciado pelo dos essênios de Qumram, que renunciavam à propriedade privada. Lucien Cerfaux⁴⁸² mostra as influências gregas sobre a redação lucana, apontando, na *República* de Platão, a cidade grega ideal, a descrição do modo de viver daqueles que são encarregados de defender a cidade:

Em primeiro lugar, nenhum possuirá quaisquer bens próprios, a não ser coisas de primeira necessidade; em seguida, nenhum terá habitação ou depósito algum, em que não possa entrar quem quiser⁴⁸³.

Cerfaux complementa, dizendo que, de uma forma geral, a cidade ideal de Platão deverá possuir uma comunidade de bens que atinja todos os seus cidadãos, desenvolvendo o tema da unidade de sentimentos que deve existir entre todos, como ocorre com a grande congregação de *um só coração* de Atos 4,32, quanto aos bens que possuem, e nos quais se inclui Barnabé:

Logo em qualquer cidade em que a maior parte dos habitantes estiver de acordo em aplicar as expressões ‘isto é meu’ e ‘isto não é meu’ à mesma coisa – não será a marca de melhor organização?⁴⁸⁴

Relendo Platão e comentando os textos supra, Jâmblico⁴⁸⁵, mais conhecido por seu estudo da filosofia pitagórica, escreve:

O conhecimento da justiça é provar os mesmos sentimentos, tendo da melhor maneira um só corpo e uma só alma e afirmar sobre um assunto a mesma coisa: Isto é meu, [então] isto é de um outro, como atesta Platão o que recebe dos Pitagóricos... pois tudo era comum a todos, mesmo as coisas, e nenhuma pessoa possuía nada próprio⁴⁸⁶.

Ao analisar os fatores sócio-econômicos presentes na sociedade que abriga o movimento de Jesus, Gerd Theissen⁴⁸⁷ aponta um fenômeno que denomina ‘desenraizamento social dos carismáticos itinerantes’: dá-se o abandono do lugar tradicional de residência e uma forte ruptura com as normas usuais da sociedade.

⁴⁸¹ οὐχὶ μένον σοὶ ἔμεινεν καὶ παρὰ τὴν ἐν τῇ σῇ ἐξουσίᾳ ὑπῆρχεν;

⁴⁸² *Apud* BOISMARD; LAMOUILLE, *Les Actes de Deux Apôtres: Les sens des récits*, 1990, p.163.

⁴⁸³ PLATÃO, *República*, III, 416d.

⁴⁸⁴ PLATÃO, *República*, V, 462c.

⁴⁸⁵ Jâmblico (c.245-c.325), um dos expoentes do Neoplatonismo sírio.

⁴⁸⁶ JAMBLIQUE, *Vie de Platon*, 167-169 (*apud* BOISMARD; LAMOUILLE, 1990¹, pp.162-163).

⁴⁸⁷ THEISSEN, G. *Sociologia do movimento de Jesus*. São Leopoldo: Sinodal, 1989, pp.32-43.

Entre estes que aderem aos movimentos de desenraizamento social, em postos de liderança, encontram-se membros de estrato superior, cuja maioria integra uma classe social abalada em sua posição. Deste estrato podemos encontrar ‘homens bons’⁴⁸⁸, na obra lucana como Barnabé ou José de Arimateia. Na origem destes movimentos de renovação social em que a riqueza e a propriedade eram postas na ordem do dia⁴⁸⁹, percebe-se a influência do *modus vivendi* dos essênios na obra lucana expostos principalmente nos sumários de Atos quanto aos bens da Igreja nascente. Veja-se a semelhança no relato de Flavio Josefo:

À riqueza desprezam, e admirável é a comunhão de bens entre eles, de sorte que nenhum há entre eles que possua mais que os outros. Pois está prescrito que todo o que desejar aderir à seita, deve entregar suas posses ao conjunto⁴⁹⁰.

Em 4,37 um fato também interessante se nos apresenta quanto ‘à posse que Barnabé entrega ao conjunto’, isto é, ao “campo” que possui, o qual vende e doa o valor integral da quantia recebida à comunidade. Os dois textos críticos pesquisados trazem o vocábulo ἄγρός, cuja semântica mais específica denota *campo fértil, no qual há produção*. De acordo com a crítica textual, há uma variante no uncial D e no minúsculo p em que ἄγροῦ – genitivo de ἄγρός – aparece como χωρίου, parecendo querer harmonizar com Atos 4,34 e 5,3, pois é este último vocábulo – χωρίον – que é traduzido como o “campo” que os mais abastados vendem para trazer auxílio à comunidade e também o que pertence a Ananias e é vendido. Preferimos como tradução para χωρίον o vocábulo *propriedade*. Há, ainda, na riqueza vocabular demonstrada pelo autor de Atos, o emprego de κτήμα, em 5,1, vocábulo que também significa *bem/propriedade*. Deste modo, faz-se necessária essa percepção do uso pelo autor de três palavras diferentes – uma para a propriedade de Barnabé e duas para a de Ananias e Safira.

Façamos as distinções e vejamos as ocorrências: 1) κτήμα ocorre apenas 4 vezes em todo o Novo Testamento: Mt 19,22; Mc 10,22; At 2,45; 5,1⁴⁹¹. Apesar

⁴⁸⁸ Lembremos do título de *anér agathós* a eles concedido.

⁴⁸⁹ Bruce Malina, em *O evangelho social de Jesus: o reino de Deus em perspectiva mediterrânea* aponta a economia política apresentada nas palavras e exemplos do Novo Testamento quanto ao assunto dos bens e da relação entre ricos, para os quais os bens não são ilimitados, e pobres, aos quais não falta o necessário à subsistência, segundo a parábola dos lírios do campo em Mt 6,25-32: *A questão do rico e do pobre é frequentemente resolvida na mente do cristão rico piedoso, pela crença de que o pobre é pobre porque é preguiçoso, desafortunado ou ambos. O pobre sabe que o rico é rico porque ele teve ‘a oportunidade’* (MALINA, 2004, pp.101-109).

⁴⁹⁰ JOSEFO, F. *Guerras Judaicas*, 2,122.

⁴⁹¹ E apenas 7 vezes na LXX: Pv 12,27, 23,10 e 31,16; Jó 20,29 e 27,13; Os 2,17 e Jl 1,11.

dos poucos registros, são interessantes as duas ocorrências em Atos, já que a primeira é a que situa o primeiro sumário a respeito da comunidade dos bens da Igreja nascente e a segunda é usada pelo narrador para apontar o exemplo – ainda que negativo – de Ananias e Safira, seguindo o mesmo vocábulo do sumário; 2) χωρίον ocorre em Mt 26,36; Mc 14,32; Jo 4,5. Já em Atos ocorre em 1,18.19 (2 vezes neste último); 4,34⁴⁹²; 5,3; 28,7⁴⁹³. As primeiras referências de Atos estão dentro de um campo semântico negativo, já que contam o episódio de Judas Iscariotes. Em Atos 28,7 refere-se à propriedade de Públio, o principal da ilha de Malta; 3) ἀγρός é o vocábulo que possui o maior número de ocorrências no Novo Testamento⁴⁹⁴, já que é o vocábulo escolhido pelos autores dos evangelhos para a palavra traduzida como *campo/propriedade*. São 18 vezes em Mateus, 10 vezes em Marcos e 10 vezes em Lucas. Apenas João não utiliza o vocábulo. Curioso é perceber que em Atos a única referência a ἀγρός é a do texto em estudo, referindo-se à propriedade de Barnabé, a fim de diferenciá-la da de Ananias e Safira.

Semanticamente, o fato de se apresentarem vocábulos diferentes no texto reforça o contraponto e o destaque de Barnabé em relação a Ananias e Safira. Isto porque temos a utilização de κτήμα para a propriedade destes: κτήμα não significa explicitamente campo fértil, como ἀγρός, mas um bem, uma propriedade. Assim, ἀγρός adquire força de significado, se estamos comparando modelos literários: o campo de Barnabé, sendo utilizado para a agricultura (ἀγρός), é muito mais valioso na terra íngreme da Palestina do que uma propriedade que a isto pode não se prestar (κτήμα). Outrossim, é importante lembrar que, tanto no grego secular, quanto na LXX, qualquer terreno sob cultivo ou a ele destinado é um ἀγρός, seja pertencente a um indivíduo (cf. Gn 23,9; 1 Rs 2,26) ou à comunidade (cf. Lv 25,34; Rt 1,1-2)⁴⁹⁵.

⁴⁹² Como supracitado, em 4,34 estamos diante do segundo sumário sobre a comunidade dos bens da Igreja nascente e é a palavra usada por Pedro no diálogo com Ananias para referir-se à propriedade deste, vendida.

⁴⁹³ E na LXX ocorre somente em 1 Cr 27,27.

⁴⁹⁴ E também na LXX, com 169 ocorrências ao todo: 20 vezes em Gn, 7 em Ex, 19 no Lv, 3 em Nm, 3 em Dt, 4 em Js, 6 em Jz, 10 em Rt, 11 em 1 Sm, 8 em 2 Sm, 1 em 1 Rs, 7 em 2 Rs, 2 em 1 Cr, 2 em 2 cr, 7 em Ne, 4 em Sl, 1 em Pv, 1 em Ec, 5 em Ct, 3 em Jó, 6 em Os, 4 em Mq, 3 em Jl, 7 em Is, 20 em Jr, e 5 em Ez.

⁴⁹⁵ É importante dizer que ἀγρός é a palavra utilizada pela LXX para *campo fértil*, dado o seu valor no universo rural na maioria dos textos. Assim, em contraponto às poucas ocorrências de κτήμα e χωρίον, temos de ἀγρός a utilização por 158 vezes.

O relato acerca de Barnabé encaixa-se perfeitamente no gênero literário do exemplo⁴⁹⁶, pois este diz respeito à intenção central de uma unidade textual e tem, por isso, uma orientação verbal, isto é, um uso verbal adequado. Segundo Klaus Berger⁴⁹⁷, a isso correspondem tempo e pessoas afetadas em um processo estritamente igual. Decorre, então, a importância da repetição em séries: o mesmo tipo de ação, ou em oposição, pode ser repetido duas ou mais vezes, tendo em mente o ouvinte-leitor. Ainda, dentro do exemplo, Berger especifica a admonição exemplar:

trata-se de um caso especial, fácil de lembrar e drasticamente formulado, em que determinado comportamento torna-se mais do que claro. O caráter ‘exemplar’ consiste no fato de o caso extremo ser formulado numa série pensada de comportamentos semelhantes⁴⁹⁸.

Barnabé, pois, é o exemplo da comunidade em que está inserido e que também age como ele, enquanto Ananias e Safira, *tecidos* para trazer continuidade ao texto, apontam a força do exemplo, que a todo custo tentam imitar dissimulando, e, no entanto, não conseguem, sendo descobertos em falta.

4.4

Ananias e Safira: antítese ao exemplo

Ananias e sua esposa Safira abrem um novo capítulo que surge no texto – o capítulo 5 – o que não constitui exatamente um novo assunto a tratar. Para ratificar nosso estudo e visão do texto, propomos, por este motivo, o corte final da perícopes que se inicia em 4,32 apenas em 5,11. Vejamos algumas premissas para tanto, dando continuidade à análise narrativa pelos meandros das forças sintática, semântica e pragmática da passagem que temos em mãos.

4.4.1

Ananias: o modelo negativo de ‘um certo homem’

Atentemos para a conotação adversativa da primeira ocorrência de δέ no capítulo 5, em contraste a Barnabé⁴⁹⁹. A primeira delas encontra-se em 5,1-2, com

⁴⁹⁶ É valioso dizer que há narrativas de exemplos morais do passado tanto em textos do judaísmo, como em Sb 10, Dt 26,5-9 e o catálogo de paradigmas em Hb 11, quanto em textos helenistas, como o *Discurso de Lísias sobre Aristófanes*, 45-49 e Isócrates, *Contra os sofistas*, 231-235.

⁴⁹⁷ BERGER, 1998, p.29-31.

⁴⁹⁸ BERGER, 1998, p.32.

⁴⁹⁹ Cf. BRUCE, 1960, p.132.

a inserção do drama de Ananias⁵⁰⁰ e de sua esposa Safira⁵⁰¹, o qual analisamos como exemplificação de um modelo literário oposto (negativo) e complementar a 4,36-37, inserido na comunidade dos bens da Igreja nascente, utilizado como reforço antitético para engrandecer a figura de Barnabé. A antítese é construída, como temos defendido, tanto a nível vocabular e sintático, quanto temático e semântico. Pode-se perceber que o modo de apresentação de Ananias e Safira é o mesmo de Barnabé (sintaticamente) – os nomes vêm à frente dos feitos – contudo há uma diferença que já apontamos acima⁵⁰².

Nesta apresentação, temos ἄνθρωπος δὲ τις Ἀνανίας ὀνόματι – *um certo homem, por nome Ananias*, e não o seu nome em primeiro lugar na proposição como vimos no caso de Barnabé. A presença da expressão ἄνθρωπος δὲ τις antes do nome próprio afasta-o do início da proposição e minimiza a força do nome à atenção do ouvinte-leitor. Na verdade, Ananias constitui um não-exemplo a ser seguido e, por isso, não pode ser apresentado igualmente a Barnabé.

Torna-se mister apontar que no relato de Ananias e Safira e, de modo especial, na forma de apresentação deste – ἄνθρωπος δὲ τις – temos um exemplo para a *intertextualidade*⁵⁰³, partindo do pressuposto de que todo texto é construído como um mosaico de citações e de que todo texto é uma absorção e transformação de outro texto. Começando pelo texto mais próximo no espaço-tempo, percebemos que, entre os quatro evangelhos, somente o de Lucas utiliza uma forma semelhante de apresentação dos personagens nas parábolas proferidas por Jesus, contudo, não empregando o vocábulo ἄνθρωπος, porém ἄνθρωπος⁵⁰⁴, seguido do pronome indefinido τις.

⁵⁰⁰ Do hebraico *Hānan-Yāh* – *Yah* (YHWH) é *gracioso*. Cf. Ἀννας, 4,6.

⁵⁰¹ Do aramaico *shappīrā* – *bela*.

⁵⁰² Vide pp.126-128.

⁵⁰³ Segundo o conceito de Júlia Kristeva, pp.31-33,

⁵⁰⁴ Embora ambos os vocábulos abranjam o campo semântico de *homem*, há peculiaridades em cada um deles. Desde Homero, ἄνθρωπος designa *o homem em oposição à mulher*, e às vezes por oposição aos deuses. Contudo, seu emprego mais particular refere-se ao nome do marido, à designação da idade do homem e ao senso de virilidade e coragem deste. Já ἄνθρωπος pode ser masculino ou feminino, dependendo do contexto, já que remete a homem no sentido de ser humano, designando o homem como espécie. Esse uso é atestado desde Homero, perpassando toda a obra historiográfica e literária grega, até os nossos dias. No feminino, denota a mulher ática, às vezes com tom de desprezo. Há um emprego excepcional na LXX em 1 Esdras 9,40: ἀπὸ ἀνθρώπου ἕως γυναικός, *de homens como de mulheres* (CHANTRAINE, 1990, pp. 87-88, 90-91).

Como nestes casos do evangelho de Lucas o que sempre se aponta é o início da fala de Jesus, não é utilizada a partícula *δέ* com a nuance adversativa⁵⁰⁵. Em se tratando de parábolas, *δέ* ocorre apenas uma vez, na parábola do rico e Lázaro⁵⁰⁶ denotando adversatividade (*Ἀνθρώπος δέ τις* = *Ora, um certo homem,...*), devido à mudança de assunto em relação ao texto anterior, que fala acerca do divórcio. Já em Atos, temos mais exemplos com a fórmula substantivo próprio ou comum relativo a pessoa + *δέ* sendo esta adversativa⁵⁰⁷.

Passando a um tempo mais remoto, chegamos ao século VI a.C. e à obra fabulística grega, de que mais se tem conhecimento, sob o nome de Esopo⁵⁰⁸. Quanto à forma e à temática e de modo geral, como as parábolas, as fábulas constituem uma breve narrativa alegórica, de caráter moralizante e didático, em que as personagens apresentam situações cotidianas, das quais podem ser extraídos paradigmas de comportamento social⁵⁰⁹. Em nível sintático e mais individual, a construção feita a partir de *personagem* + *τις*⁵¹⁰ reflete o modo como Esopo, em suas fábulas, traz vida aos protagonistas das mesmas. Assim como nas parábolas do evangelho de Lucas, pelo menos quatro fábulas esópicas⁵¹¹ trazem exatamente a fórmula *Ἀνθρώπος τις*⁵¹².

No texto em estudo (Atos 5,1), no entanto, a escolha semântica do autor se dá pelo vocábulo *άνήρ*, em lugar de *άνθρωπος*, o que pode significar a condição de Ananias de *homem casado*, o *marido* de Safira, sendo comprovado pelo acusativo *τὸν άνδρα* [σου], o *marido* [teu], em 5,9c. Além disso, a construção *Ἀνήρ δέ τις* ocorre de forma idêntica em outros trechos de Atos e a narrativa apresenta certo padrão que aponta alguns personagens importantes na tradição da

⁵⁰⁵ Outras ocorrências em que encontramos no evangelho de Lucas a sequência *άνθρωπος τις*: 10,30 – a parábola do bom samaritano; 14,16 – a parábola da grande ceia; 15,11 – a parábola do filho pródigo; 16,1 – a parábola do administrador infiel; 19,12 – a parábola das dez minas; 20,9 – a parábola dos lavradores maus. Na LXX, a única ocorrência da sequência *άνθρωπος τις* encontra-se em Jó 1,1.

⁵⁰⁶ Lc 16,19.

⁵⁰⁷ Pelo menos em Atos 5,34; 8,1.9.26; 9,10;10,1, tendo *δέ*, como vimos, o sentido de uma conjunção de exemplaridade positiva ou negativa, a partir da antítese.

⁵⁰⁸ Ao que tudo indica, terá sido Esopo quem criou a tradição literária da Fábula nas literaturas ocidentais, visto que, desde o século III a.C., todos os compiladores anônimos lhe atribuíam a autoria dos textos fabulísticos que reuniam, até que o fabulista latino Fedro (no século I d.C. em Roma) e o poeta grego Bábrio (no século III d.C. na Grécia) elevaram finalmente à categoria de arte literária o gênero fabulístico (SOUSA, 2002, p.LIII).

⁵⁰⁹ SOUSA, 2002, pp.XXXII.

⁵¹⁰ São elas: *O cão convidado* ou *O homem e o cão*, *O cavalo e o jumento*, *O homem que quebrou uma estatueta* e *O homicida*.

⁵¹¹ Traduzidas pelo professor Manuel Aveleza de Sousa (2002).

⁵¹² SOUSA, 2002, pp. 50-51, 64-65, 148-150.

Igreja nascente, os quais contribuíram para o seu crescimento e a propagação do ensinamento do Senhor, como é o caso de Cornélio⁵¹³, de Ananias que recebeu Saulo como irmão⁵¹⁴ e de Apolo⁵¹⁵, ou, por outro lado, os que trouxeram, por seus ‘maus exemplos’, o ensinamento pelo trágico que lhes sucede – Ananias, marido de Safira, que cai morto e Simão, o mágico⁵¹⁶, o qual fica cego.

Uma atitude muito grave de Ananias, com a anuência de Safira, é relatada: ele se apropria de parte do preço da propriedade vendida, guardando-o para si e dirá que todo o valor foi doado à comunidade. Esta última atitude é o cerne de seu erro: a mentira. A LXX traz o mesmo verbo utilizado para a primeira atitude de Ananias – νοσφίζομαι, *apropriar-se indevidamente, separar para si* – no episódio de Acã, em Josué 7,1. Levando-se em conta todo o Antigo Testamento em grego, esta é a única ocorrência do verbo⁵¹⁷. E em todo o Novo Testamento, o verbo só ocorre três vezes, sendo duas no episódio de Ananias e Safira⁵¹⁸. Voltando, pois, ao modelo comparativo, acrescem-se outros dados. Ananias *separou para si do preço* da sua propriedade⁵¹⁹ e traz, sabendo-o Safira, uma certa parte – ἐνέγκας μέρος τι – e a deposita junto aos pés dos apóstolos – παρὰ τοὺς πόδας τῶν ἀποστόλων ἔθηκεν. Dois dados são relevantes aqui no que diz respeito à análise do aparato crítico do texto.

Primeiramente, a preposição παρὰ é utilizada em lugar de πρὸς, marcando a diferença na atitude de Barnabé, consoante a interpretação de Nestle-Aland⁵²⁰: segundo o princípio do ‘movimento’ que rege as preposições em língua grega,

⁵¹³ At 10,1.

⁵¹⁴ At 22,12, pelo ‘relato de Paulo’.

⁵¹⁵ At 18,24.

⁵¹⁶ At 8,9.

⁵¹⁷ ἐνοσφίσαντο – 3ª pessoa do plural do aoristo médio, referindo-se de início não a Acã, mas “aos filhos de Israel”, que *puseram de lado para si* o anátema. Tal atitude fez com que Josué sofresse a derrota diante de Hai. O resultado alcança seu ápice poético na tradução da Bíblia de Jerusalém: *Então o coração do povo desmaiou e a sua coragem se derreteu* (Js 7,5c). Acã e sua família foram apedrejados e mortos, *para que se aplacasse de YHWH sua ardente ira* (7,25-26).

⁵¹⁸ Isto é, em At 5,2-3 e ainda, em Tt 2,10, com o sentido de *furtar*.

⁵¹⁹ ἐνοσφίσατο ἀπὸ τῆς τιμῆς – o verbo νοσφίζομαι, na 3ª pessoa do singular do aoristo médio, como na nota 42, configura a ação recíproca característica da voz média – *separou para si mesmo*. Pela crítica textual, este dado assume maior significado, já que o aparato crítico aponta que há em 5,2 uma variante no maiúsculo D, trazendo ἐκ em lugar de ἀπό. O uso de ἐκ, que representa o ‘movimento para fora’ reforçaria ainda mais o fato de que Ananias *separou, pondo de parte, fora da quantia*.

⁵²⁰ Isto porque o aparato crítico aponta que há uma variante que traz παρὰ, em vez de πρὸς nos papiros 57, 74, nos unciais A, B, D, Υ, 33, 1739 e no texto majoritário. O texto proposto por Nestlé-Aland tem como testemunhas os unciais Ν, E, 36 e alguns poucos manuscritos que divergem do texto majoritário.

πρός (*diante de*) indica muito mais proximidade do que παρά (*ao lado de, junto a*)⁵²¹, fazendo com que o gesto de Barnabé seja ainda mais valorizado do que o de Ananias.

Em segundo lugar, há uma variante no uncial D que traz ἔθετο⁵²² em lugar de ἔθηκεν⁵²³. O uso da voz média, que traz implícito o interesse, poderia sugerir *depositou para si, para seu próprio bem* – talvez o reconhecimento que almejava na comunidade de Jerusalém, junto com sua esposa, dentro do modelo narrativo que o autor de Atos quer apontar. Aqui teríamos mais um dado que põe a ênfase também da intenção do casal, para chamarem a atenção e serem bem vistos pelos que estavam à sua volta.

Uma nova “sub-perícope” se apresenta em 5,3-4, também introduzida pela partícula δέ, marcando agora uma quebra na fala do narrador e a inserção do diálogo – entre Pedro e Ananias –, componente literário novo até então na perícope. As palavras fortes do discurso de Pedro e o fato de saber o que Ananias fizera sem que ninguém lho contasse inicia o ápice da ação dramática – o *pathos* – que está por vir. Digna de atenção é a utilização do vocábulo καρδία, *coração*, por duas vezes, não com sentido denotativo, mas com a conotação em relação aos bens. Pode-se relacionar o ‘coração’ de Ananias – egoísta e cheio de mentiras insufladas por satanás⁵²⁴ – com o ‘coração’ do povo – aberto e verdadeiro em unidade com os irmãos (4,32).

É necessário perceber ainda, que em 5,3 a ação foi de satanás – claramente marcado como o sujeito da oração (ὁ σατανᾶς⁵²⁵) e do verbo ἐπλήρωσεν,⁵²⁶ *encheu* – e os verbos que compõem as atitudes de Ananias encontram-se no infinitivo passivo: ψεύσασθαί σε, *fazendo-te mentir* e νοσφίσασθαι, *fazendo separar*. Há

⁵²¹ No livro de Atos, o autor utiliza para reger o verbo τίθημι e seus preposicionados tanto a preposição προς como παρά. Παρά é utilizada em 4,35 e 5,2 – texto que estamos estudando com τίθημι e em 7,58, com o composto ἀποτίθημι. Πρός é utilizada em 3,25 com διατίθημι, em 4,37 – o texto em questão – com τίθημι e 13,36 com προστίθημι.

⁵²² 3ª pessoa do singular do aoristo médio de τίθημι.

⁵²³ 3ª pessoa do singular do aoristo ativo de τίθημι.

⁵²⁴ A ação de satanás no coração do homem também está presente em Lc 22,3 e Jo 13,2.27.

⁵²⁵ Nominativo singular masculino. Do hebraico *sātān*, originalmente um nome comum, significando adversário – como em 1 Rs 11,14 e Sl 109,14, aparece como um nome pessoal em Jó 1,6ss e Zc 3,1ss, acusando os homens diante de Deus (cf. Ap 12,10) e que em 1 Cr 21,1 tenta os homens ao mal, como aqui no caso de Ananias. A desinência grega -ᾶς é derivada do aramaico em estado enfático em -ā. Na literatura inter-canônica a concepção de satanás demonstra signos marcados por influência iraniana (BRUCE, 1960, p.132). O equivalente grego do nome é διάβολος, caluniador, presente no livro de Atos em 10,38 e 13,10.

⁵²⁶ 3ª pessoa do singular do aoristo ativo de πλερόω.

aqui, certa semelhança com a tragédia grega *Os persas*⁵²⁷, de Ésquilo, na qual, comenta Paul Ricoeur⁵²⁸, Xerxes é ao mesmo tempo vítima, instrumento e cúmplice de uma maldade transcendental que o seduz; sua falta, como no caso de Ananias, também é a do *daimon* que conduziu tudo.

Contudo, há uma progressão na maldade do coração de Ananias, pois em 5,4 é ele próprio o autor das ações, os verbos são de tempos finitos e estão ambos na voz média, na segunda pessoa do singular: ἔθου⁵²⁹ (*puseste*) e ἐψεύσω⁵³⁰ (*mentiste*). Na realidade, foi realmente para Deus que Ananias mentiu, porque para ele o dom – o preço do terreno – seria oferecido em primeiro lugar, para depois ser utilizado na comunidade. Lembremo-nos que, para a Igreja primitiva, pecar contra o Espírito Santo é o maior pecado: não seria perdoado neste mundo nem no porvir⁵³¹. Uma relação de oposição imbricada às ações anteriormente citadas entre Ananias e satanás / o Espírito Santo e Deus, mediada pelas atitudes de mentira (e não de verdade) também fica clara neste trecho da perícopa.

Neste ínterim, entre este e o próximo diálogo, há uma sequência de três pequenas narrativas, todas introduzidas pela partícula δέ e complementadas por καί, como tem sido praxe do autor, nas quais são apresentadas ao ouvinte-leitor as consequências de tomar para si aquilo que não é seu, assim como Acã em relação ao anátema. São elas: a morte de Ananias (5,5), o seu sepultamento (5,6) e a introdução no drama de Safira (5,7), a qual, como Ananias também morrerá, no entanto, ao contrário dele, que permaneceu calado durante o discurso vaticinador de Pedro, ganhará voz.

*Ouvindo as palavras fatais de Pedro, Ananias cai morto*⁵³² (5,5a) *e veio um temor grande sobre todos os que ouviram*⁵³³ (5,5b). A morte de Ananias⁵³⁴

⁵²⁷ Datada de 472 a.C.

⁵²⁸ RICOEUR, 1996, p.117.

⁵²⁹ 2ª pessoa do singular do aoristo médio de τίθημι.

⁵³⁰ 2ª pessoa do singular do aoristo médio de ψεύδομαι.

⁵³¹ MUNCK, 1967, p.41. Quanto ao pecado contra o Espírito Santo, veja-se Mt 12,31-32 e textos paralelos nos evangelhos.

⁵³² ἀκούων δὲ ὁ Ἀνανίας τοὺς λόγους τούτους πεσὼν ἐξέψυξεν. Bruce (pp.133-134) comenta que o verbo ἐκψύχειν, utilizado aqui, é peculiar ao vocabulário médico, tendo referências no tratado de Hipócrates.

⁵³³ καὶ ἐγένετο φόβος μέγας ἐπὶ πάντας τοὺς ἀκούοντας.

⁵³⁴ Deve-se notar que a relação entre morte e quebra de comunhão também é expressa teologicamente pelo apóstolo Paulo, quando aponta que muitas mortes estavam ocorrendo na comunidade de Corinto, pois alguns haviam tomado parte indignamente da comunhão (cf. 1 Co 11,27-30). Interessante perceber um paralelo possível com as palavras de Munck (1967, p.43): a Igreja Primitiva estava acostumada a atitudes positivas ou negativas, a dizer sim ou não; deste

deve-se, primeiramente, a ter permitido que satanás lhe enchesse o coração e depois por ter, ele mesmo, por sua própria conta, mentido para Pedro, para toda a audiência que assistia a seu gesto de suposta bondade, para si mesmo tentando imitar Barnabé e para Deus. O verso 4 deixa claro que o erro de Ananias não foi apropriar-se daquilo que não era seu, porque poderia ser seu sem problemas, segundo as palavras de Pedro. O erro foi mostrar dar tudo quando na verdade deu somente parte. Grosso modo, mentir e roubar.

Particularmente, é importante sabermos que καί, sendo usada como conjunção aditiva, tem por propósito ligar termos e estruturas semelhantes, sintática ou semanticamente, ou ambas. Perceba-se que é exatamente isto que acontece no texto em 5,4c-d, em que καί faz a ligação entre as orações ψεύσασθαί σε τὸ πνεῦμα τὸ ἅγιον, *fazendo-te mentir ao Espírito Santo* e νοσφίσασθαι ἀπὸ τῆς τιμῆς τοῦ χωρίου, *fazendo separar para si do preço do terreno*. Ao acolher o incitamento de satanás em seu coração, Ananias mentiu ao Espírito Santo e à comunidade e ficou com algo que a ele não mais pertenceria. Consequentemente, roubou a Deus em sua oferta e, por conseguinte, àqueles que, como ele, pertenciam a esta comunidade e a ela também ofertavam suas posses.

Conforme vimos acima, este acontecimento pode ser interpretado como uma releitura do episódio de Acã e sua família. Semelhanças e diferenças se alternam entre os dois textos que se inter-relacionam pela presença da excomunhão – em uma retirada da comunidade pela morte como juízo divino – em ambas as narrativas. O pecado de Acã *prejudicava* toda a comunidade da qual fazia parte – perdeu-se a batalha em Hai. O pecado de Ananias e Safira *prejudicaria* toda a comunidade – já que não havia ainda nenhuma consequência da atitude do casal, mas poderia haver futuramente, se não fossem castigados por aquela mesma atitude. Ao mentir ao Espírito Santo, Ananias e Safira desvirtuam a peculiaridade da comunidade que é ser *do Caminho*, da ἀλήθεια, da *verdade*⁵³⁵, e só revelar o Cristo, e não o encobrir. O separar para si, por sua vez, foi encoberto,

modo, se alguém se associa ao sagrado pela graça do Espírito Santo e através de uma doação material a Deus e à comunidade de fé, este se encontra diante de uma batalha entre Deus e satanás.

⁵³⁵ O conceito de ἀλήθεια no sentido mais puro e originário tem o significado de somente poder descobrir, nunca poder encobrir, sendo a percepção da verdade. Como nunca poderá encobrir ou ser falso, o máximo que podemos ter é não haver percepção, não haver algo suficiente para um acesso adequado, puro e simples. Deste modo, encontramos o termo ψεύδασθαι (*pseudesthai*) como o *ser falso*, ou o *enganar*, no sentido de *en-cobrir*, colocar uma coisa na frente de outra deixando e fazendo ver algo que a coisa não é.

assim como o furto, κλέπτω, que enfatiza o sigilo, a astúcia e o logro no ato do desfalque⁵³⁶. Posteriormente, o ato foi revelado nas palavras de Pedro e visto por toda a igreja e pelos ouvintes que ali se encontravam.

Acã, como Safira, ganha voz ao ser questionado por Josué⁵³⁷; entretanto, diferente dela, ele confessa a verdade, mas mesmo assim morre apedrejado com sua família para que o mal fosse extirpado de Israel. Safira, por sua vez, ganha voz para falar a verdade – parece-nos que é isso que Pedro espera – e mente como o marido! Assim como no relato do Antigo Testamento, temos aqui também uma família que morre a fim de que tais atitudes não se multipliquem neste ‘novo Israel’ – a Igreja nascente⁵³⁸.

O verbo grego νοσφίζομαι é originalmente uma palavra poética, cujo significado primário seria *dar as costas para* – em Homero⁵³⁹. Em prosa, ocorre em Xenofonte⁵⁴⁰, com o significado de *roubar*, frequentemente em uma violação da verdade, e é muito constante nos escritos helenísticos e nos papiros. Há, também, no livro terceiro da *República* de Platão, quando Sócrates está fazendo a configuração do que seria o *kalós kagathós* (o homem perfeito) e seu oposto imedato⁵⁴¹, um acontecimento muito próximo ao de Ananias, isto é, à sua morte fulminante, por ter sido avaro:

Dizem que Asclépios era um filho de Apolo, que se deixou persuadir pelo ouro a curar um homem rico que estava já para morrer, motivo por que foi fulminado. Quanto a nós, de acordo com o que afirmamos anteriormente, não acreditamos em ambas as coisas: se era filho de um deus, não pretendia lucros sórdidos; se pretendia lucros sórdidos, não era filho de um deus⁵⁴².

A *República* de Platão provavelmente foi um livro ao qual o autor de Atos pode ter tido acesso. Por outro lado, o anti-exemplo de Asclépios poderia ter plena circulação como conto popular no primeiro século. No *mundo do texto*, diante de um modelo positivo como Barnabé, cuja imagem também tem grande possibilidade de ser uma *re-leitura* do *homem ideal, bom, nobre* da *República* –

⁵³⁶ COENEN; BROWN, 2000, p.2153.

⁵³⁷ Josué 7,19d.

⁵³⁸ Para William Kurz, o leitor implícito de Lucas esperava encontrar nas narrativas do Antigo Testamento lições e exemplos para se viver como povo de Deus e o leitor estaria alerta deste uso das narrativas feitas em Lucas-Atos (KURZ, 1991, p.184).

⁵³⁹ *Iliada* II, 81; XXIV, 222.

⁵⁴⁰ *Ciropedia*, IV, 2.42.

⁵⁴¹ Platão, anteriormente, aponta as características daqueles que poderiam ser os guardiões da cidade em 402c – para educar os guardiões, é preciso conhecer “as formas da temperança, da coragem, da generosidade, da grandeza de alma e de quantas qualidades forem irmãs destas...”.

⁵⁴² PLATÃO, *República*, III, 408c.

um ἀνὴρ ἀγαθός –, a contraposição deste modelo – Ananias – teve um final trágico como o relatado para Asclépios no texto platônico, devido à sua avareza em guardar parte do dinheiro para si e para sua esposa. No caso de Asclépios, não há ressonância imediata do caso, nem a resposta daqueles que viram o fato, porque o diálogo está citando o fato – Sócrates o relata a Glauco. Para Ananias, entretanto, vimos que a resposta foi imediata e chocou a comunidade que assistia ao caso⁵⁴³.

A obra lucana, por sua vez, constitui-se de vários homens e mulheres bons, ligados ao campo semântico da economia, como se uma série de ‘Barnabés’ fosse se repetindo e tomando corpo. Em Lucas, temos Lázaro, em contraste com o rico; o bom samaritano, em oposição ao levita e ao doutor da lei; a oferta da viúva pobre, que denuncia aqueles que davam do que lhes sobejava; o publicano que, após sua oração de confissão, saiu justificado, não como o fariseu, que em nada mudou seu comportamento, Zaqueu que, após o encontro com Jesus,⁵⁴⁴ e um certo José⁵⁴⁵ que é chamado de homem bom, assim como José Barnabé em Atos. Para acirrar a discussão a respeito do dinheiro e da generosidade, fica a pergunta do homem rico a Jesus⁵⁴⁶: Bom mestre, que hei de fazer para herdar a vida eterna? Ao que Jesus o interpela: por que me chamas bom? E complementa apontando ao jovem que o repartir tudo que possui com os pobres é o maior voto de obediência à lei.

Ainda, o próprio livro de Atos aponta homens e mulheres cheios do Espírito Santo e/ou que fazem obras de auxílio ao próximo, como Estêvão, Filipe, Cornélio, Tabita, Lídia, a vendedora de púrpura, o carcereiro de Filipos, entre outros⁵⁴⁷, os quais o narrador vai-nos apontando, ou a seu leitor implícito, como paradigmas de comportamento. Assim identifica William Kurz, na tríade Barnabé-Ananias-Safira, com modelos marcantes bons e também maus:

Atos provê um exemplo que tem um balanço positivo e negativo: Barnabé e Ananias e Safira. Modelo de doação – Barnabé obviamente, encarna a

⁵⁴³ A comunidade de Qumran possuía um dispositivo regulamentador sobre a fraude na entrega dos bens à comunidade: “Se se encontrar entre eles um homem que mente em matéria de bens, e que o faça deliberadamente, será separado do meio da Purificação dos Inúmeros durante um ano, e ele será punido com apenas um quarto de sua alimentação” (1QS 6, 24b-25); “[Se for encontrado entre eles um homem que] mente em matéria de bens, e que o faça deliberadamente, e [... ele] será punido seis dias” (CD 14, 20s.) (*apud* MARGUERAT, 2003, p.179).

⁵⁴⁴ Respectivamente Lucas 16,19-31; 10,25-37; 21,1-4; 18,9-14.

⁵⁴⁵ Referimo-nos a José de Arimateia, chamado, como Barnabé, de ἀνὴρ ἀγαθός em Lc 23,50.

⁵⁴⁶ Em Lucas 18,18-23.

⁵⁴⁷ Respectivamente Atos 6,8-7,60; 8,5-40; 10,1-8; 9,36-41; 16,14-15; 16,27-36.

generalização do narrador de que não havia nenhum necessitado entre aqueles que criam, mas os que possuíam campos os vendiam e punham aos pés dos apóstolos. Logo após essa afirmação generalizante, o narrador introduz Barnabé como exemplificação. Nenhum dos incidentes tem um narrador que intervém na narrativa, mas um que implicitamente foca a atenção na natureza paradigmática, tanto dos bons como dos maus exemplos⁵⁴⁸.

A seguir à morte de Ananias, o levantamento do corpo⁵⁴⁹ pelos νεώτεροι – provavelmente homens jovens da comunidade e não profissionais –, seu recolhimento⁵⁵⁰ e seu sepultamento, fora⁵⁵¹ do lugar onde ele cai e expira (5,6) ocorre logo de imediato e prepara a cena seguinte – a narrativa para introduzir Safira à perícopa (5,7).

4.4.2

Safira: uma voz a mais em cena

A terceira pequena narrativa se dá (5,7-8a), introduzida por ὁὲ e será seguida por uma série de pequenas falas de Pedro e Safira, as quais também serão todas introduzidas por ὁὲ. Quanto a Pedro, a mesma estrutura discursiva se mantém, constituindo então cenas paralelas: duas perguntas (5,3//5,8; 5,4a-b//5,9a) e uma afirmação (5,4c//5,9b), seguidas, respectivamente, da consequência (5,5a//5,10a) – o vaticínio da morte, agora de Safira. Apesar de manter a estrutura discursiva, alguns ‘detalhes’ na escolha semântica do autor para o diálogo entre Pedro e Safira e seu fechamento acrescentam à cena maior dramaticidade e interlocução. O primeiro deles é a utilização de ἀπεκρίθη em vez de εἶπεν em 5,8.

O verbo ἀποκρίνομαι, *perguntar*, ao contrário de λέγω⁵⁵², *dizer, falar*, demanda uma resposta do interlocutor, possibilidade que é dada a Safira. Ananias, a quem Pedro se dirige através de εἶπεν, não falara, não respondera, apenas ouvira as indagações, cujas respostas guardou para si, como reflexão do ato que cometeria. Safira, por sua vez, adquire voz. Além de o autor utilizar ἀποκρίνομαι, a fala de Pedro à Safira é imperativa a que ela lho responda aquilo que deseja: εἰπέ

⁵⁴⁸ KURZ, 1991, p.187.

⁵⁴⁹ ἀναστάντες δὲ οἱ νεώτεροι συνέστειλαν αὐτὸν – tendo levantado porém os mais jovens recolheram-no.

⁵⁵⁰ O vocábulo συνέστειλαν também tem uma peculiaridade médica, podendo significar desde *recolher rapidamente* até *comprimir por bandagens*.

⁵⁵¹ καὶ ἐξενέγκαντες ἔθαψαν – e tendo levado para fora sepultaram. O detalhe ‘para fora’ é marcado pela preposição ἐξ, usada antes de vogais que, como ἐκ, usada antes de consoantes, tem o sentido do ‘movimento de dentro para fora’.

⁵⁵² A forma verbal εἶπεν compõe a 3ª pessoa do singular do que se chama aoristo II, do verbo λέγω, por isso possui uma raiz totalmente diferente, o que não ocorre com o aoristo I.

μοι, εἰ τοσούτου τὸ χωρίον ἀπέδοσθε; *diga para mim, [foi] de tanto a propriedade vendida?*, ao que ela lhe responde: ναί, τοσούτου., *sim, de tanto*. A partir daí, o paralelismo das cenas passa a ser exatamente igual, como apontamos.

A presença da voz de Safira – ναί, τοσούτου – salta aos olhos no texto e lhe dá o devido valor na perícopa. Primeiro porque corrobora a semântica de ἀπεκρίθη, e o reforço de εἰπέ μοι e justifica a escolha vocabular do primeiro verbo e do segundo no modo imperativo acompanhado do pronome pessoal. Exige-se a interlocução. Safira deve falar e para isto tem a oportunidade. Em segundo lugar, porque utiliza-se ναί, uma partícula de asseveração e corroboração cujo uso é muito restrito na *koiné* do Novo Testamento⁵⁵³, sendo subentendido nos momentos em que há concordância do interlocutor ou por uma réplica⁵⁵⁴.

Em 5,9a-b, a fala de Pedro constitui-se em uma pergunta que não espera resposta, carregada pelo discurso ético-moral que utilizara com Ananias, e εἶπεν fica até mesmo subentendido, não aparecendo no texto grego⁵⁵⁵. Em 5,9c percebemos que Safira não morre imediatamente ao ouvir as palavras de Pedro, mas fica sabendo que o marido morrera pelo mesmo motivo: a mentira ao Espírito Santo, pois ela teve o conhecimento de toda a situação desde o início, em 5,2 – συνειδυίης, *já conhecendo junto* aquilo que aconteceria: o acordo sobre o preço da propriedade.

Ainda em 5,9c, a palavra πόδες, *pés*, aparece como recorrente na cena, pois fora utilizada por três vezes como figura para representar onde se punham as ofertas – παρὰ [ou πρός] τοὺς πόδας τῶν ἀποστόλων, *junto aos [ou diante dos] pés dos apóstolos*. Agora apresenta aqueles que ajudariam a ‘cumprir a justiça’, sepultando tanto Ananias como Safira. Em 5,10a, a expressão é retomada, pois Safira caiu πρὸς τοὺς πόδας αὐτοῦ, *diante dos pés dele [de Pedro]* e *expirou*⁵⁵⁶. Segue-se, em 5,10b-c, a narrativa da morte e do sepultamento de Safira junto ao marido, com a repetição idêntica em 5,10c de 5,6b – καὶ ἐξεπύκνωσαν, *e*

⁵⁵³ São apenas 24 ocorrências em todo o texto do Novo Testamento (e somente 4 na LXX). Para se ter uma ideia, se compararmos com seu antônimo, *não*, nas três formas em grego – οὐ, οὐκ, οὐχ –, apenas na obra lucana são 176 ocorrências em Lucas e 113 em Atos.

⁵⁵⁴ Caso emblemático encontra-se nas palavras de Jesus, registradas nos quatro evangelhos (Mt 27,11; Mc 15,2; Lc 23,3; Jo 18,37), ao replicar a pergunta de Pilatos: *Tu és o rei dos judeus?*, ao que responde: *Tu dizes*, ou seja, *Tu mesmo dizes isto, não eu* (BLASS, DEBRUNNER, *op.cit.*, p.227), ao invés de *sim*.

⁵⁵⁵ O que é bastante comum quando temos uma narrativa entrecortada por diálogos.

⁵⁵⁶ É utilizado o mesmo verbo que o fora para Ananias – ἐξέπνευσεν, peculiar ao vocabulário médico.

tendo levado para fora sepultaram⁵⁵⁷. O fechamento da cena – e da perícope – se dá com as mesmas palavras que já foram utilizadas em 5,5, em relação à morte de Ananias, constituindo uma espécie de refrão, acrescido de uma ampliação quanto aos receptores da mensagem⁵⁵⁸.

4.5

Estrutura de Atos 4,32–5,11: atos de uma tragédia?

Enquanto na morte de Ananias, em 5,5, *veio grande temor sobre todos os que ouviram tais coisas* – καὶ ἐγένετο φόβος μέγας ἐπὶ πάντας τοὺς ἀκούοντας –, na morte de Safira o impacto foi bem mais profundo – o *grande temor veio sobre todos que ouviram tais coisas e, ainda sobre a igreja inteira* – καὶ ἐγένετο φόβος μέγας ἐφ’ ὅλην τὴν ἐκκλησίαν καὶ ἐπὶ πάντας τοὺς ἀκούοντας ταῦτα. Em sua estrutura de texto de *exempla*, Atos 5,1-11 é um díptico, em cujas metades há correspondência e uma gradação, como apontamos, ocorre da primeira metade (1-6) à segunda (7-11). Em todo caso, a narrativa foi cuidadosamente formulada pelo autor com a finalidade de garantir ao texto uma progressão dramática bastante acentuada.

Para além de 5,1-11, toda a perícope de Atos 4,32–5,11 constitui o que poderíamos chamar de um *tríptico*⁵⁵⁹ *literário*, no qual a ‘moldura’ central apresenta a cena principal e modelar, constituída pela comunidade da Igreja nascente, tendo ao centro Barnabé, exemplo de generosidade. Em ambos os lados, em oposição à figura central e a ele referente, teríamos, de um, Ananias, o contra-

⁵⁵⁷ Vide nota 551.

⁵⁵⁸ Deste modo, podemos inferir que o vocábulo *pés* (πόδες/πόδας) é, se tomarmos 5,5-11, o elemento que aponta cenas paralelas que objetivam instruir ao ouvinte-leitor quanto ao perigo do ato de Ananias e Safira e suas consequências. No entanto, se analisarmos a texto a partir da primeira ocorrência πόδας, podemos perceber o intuito no autor de mostrar o contraste no que se refere à disposição interior da comunidade e de Barnabé de pôr os valores dos bens vendidos diante dos *pés dos apóstolos* em relação à de Ananias e Safira. Ainda, observando toda a perícope, nota-se que πόδες/πόδας constitui mais um índice de eixo comunicativo no texto, pelo modo como neste é distribuído (4,35a. 37b; 5,2b. 9c. 10a), contribuindo para a postulação de que se tem uma estrutura quiástica na perícope.

⁵⁵⁹ O tríptico (τρίπτυχο, *três dobras*) é uma palavra proveniente do vocabulário artístico, pois constitui um painel pintado ou esculpido, dividido em três seções, dentre as quais o painel do meio é o maior, ladeado por outros dois cujos tamanhos são iguais, formando um conjunto harmônico, para o qual se deve direcionar o olhar primeiramente ao centro e, então, perceber sua relação com os painéis laterais. A raiz da palavra é grega, porém surgiu no período medieval para identificar um tablete romano encontrado, com inscrições neste formato.

modelo, e de outro, em paralelo, Safira, no entanto, são cenas com detalhes diferentes, pois cada um apresenta suas peculiaridades.

Ainda, a perícopes pode ser interpretada como um crescente dramático, que começa e termina na Igreja, e que poderia ser esquematicamente representada da seguinte forma Igreja → Barnabé → Ananias → Safira → Igreja. A cena inicial, sumário da comunidade dos bens, aponta como era a vida daqueles que se uniam a esta Igreja nascente, à sua fé, à sua capacidade de tornar-se uma unidade – uma multidão, isto é, uma grande congregação que possuía um coração e uma alma.

Vê-se sua generosidade e desprendimento quanto aos bens, já que nada era considerado como bem próprio, mas tudo era comum a todos, como também sua falta de pessoas necessitadas, como corolário do item anterior, sua quebra de divisões sócio-econômicas: pois ali estavam tanto possuidores de campos ou casas quanto os que nada possuíam. Enfim, o resultado de todos estes aspectos éticos e morais de alto nível, isto é, destes rituais sagrados era o poder do testemunho dos apóstolos e a graça que se manifestava sobre todos que ali se encontravam. Este fato está inextricavelmente atrelado à segunda cena, a qual diz respeito a Barnabé, ícone e modelo literário nomeado do desprendimento e generosidade que habitava a Igreja.

Como antítese ao modelo positivo de Barnabé, a terceira cena presencia o ato de Ananias (e Safira), apontando detalhadamente a conversa de Pedro com ele e as conseqüências de tal ato – a morte fulminante de Ananias. Bruce, comentando a cena, aponta-a como uma honesta narrativa histórica do autor de Atos – Lucas:

Enquanto o historiador tem prazer em apontar o progresso do movimento, o crescimento da igreja, e a generosidade de Barnabé, ele não omite uma história inacreditável do tipo que se segue, como ele poderia muito bem ter feito. Isto é um exemplo da honestidade de Lucas como narrador⁵⁶⁰.

A quarta cena se dá entre Pedro e Safira, esposa de Ananias, a qual sabia de todo o plano engendrado pelo casal. Como vimos, é interessante notar que esta cena é bem mais detalhada do que a de Ananias, o que corrobora o fato de termos realmente uma gradação num crescente dramático, o qual vai caminhando para

⁵⁶⁰ BRUCE, 1960, p.131: “While the historian takes pleasure in reporting the progress of the movement, the increase of the church, and the generosity of Barnabas, he does not omit a discreditable story of the kind that follows, as he might well have done. This is an example of Luke’s honesty as a narrator”. Bruce, ainda, comenta que a honestidade de Lucas com relação à narrativa em torno de Barnabé também se dá em At 15,39: *A dissensão foi violenta, a tal ponto que ambos tiveram de separar-se um do outro. Barnabé. Pois, tomando Marcos consigo, embarcou para Chipre.*

chegar ao seu ápice: grande temor veio sobre a igreja inteira e sobre todos que ouviram aqueles acontecimentos – as primeiras mortes na comunidade, que deveriam ser lembradas como (maus) exemplos. Do mesmo modo como se iniciou o drama, encerra-se, tendo como foco principal a Igreja.

Importa dizer que o vocábulo ἐκκλησία adquire pleno uso em Atos dos Apóstolos. Se tomarmos a ordem canônica na disposição do texto do Novo Testamento, veremos que só fora utilizado nos evangelhos em Mateus 16,18 e 18,17, por duas vezes neste último. Em Atos, 5,11 é a primeira ocorrência, e esta será seguida por mais 22 vezes, como palavra regular para designar a comunidade cristã, tanto no sentido local (a igreja visível) como universal (a igreja invisível – desenvolvida na teologia paulina como o Corpo de Cristo). Em que ponto os cristãos começam a adotar o termo para nomear sua comunidade é incerto, embora não haja dúvidas de que isto ocorreu bem cedo, ainda que o cristianismo judaico primitivo talvez preferisse συναγωγή, por serem considerados um tipo especial de sinagoga, o verdadeiro Israel, herdeiros dos patriarcas⁵⁶¹.

Como podemos perceber ao longo da pesquisa, a obra lucana aponta para um autor que apresenta interações e inter-relações entre as culturas grega e judaica, transitando por elas com maestria. Quanto ao *background* judaico, apesar de nos parecer que o autor leu a LXX em lugar da Bíblia Hebraica, a palavra ἐκκλησία é a tradução direta de todos os momentos em que o texto hebraico quer dizer precisamente *Israel como uma congregação*, a nação em seu aspecto teocrático, organizada como uma comunidade religiosa⁵⁶².

⁵⁶¹ Essa é a posição de Munck (1967, pp.41-42). Bruce (1960, pp.135-136), por sua vez, aponta que, em termos linguísticos, é possível que o substantivo grego ἐκκλησία seja equivalente ao aramaico *kēnishtā*, e a igreja primitiva em Jerusalém fosse talvez conhecida como *kēnishtā* dos Nazarenos, e a outra equivalência para *kēnishtā* seria συναγωγή, a qual seria normalmente reservada para o local de uma comunidade judaica ou lugar de encontro, apesar de também ser utilizada ocasionalmente em encontros cristãos. Josefo e Filon também utilizam ἐκκλησία, aparentemente em preferência a συναγωγή.

⁵⁶² Cf. Dt 9,10; 18,16; 23,1ss; 31,30; Js 8,35 onde ἐκκλησία representa o hebraico *qāhāl*. Em relação ao conhecimento da cultura, historiografia e literatura gregas, sabe-se que ἐκκλησία é usada no grego ático para o corpo de cidadãos em sua capacidade legislativa. Este uso, muito antes da tradução da LXX e dos tempos do Novo Testamento, era claramente caracterizado como fenômeno político, que se repetia conforme certas regras – somente cidadãos efetivos podiam dela participar – e dentro de um certo arcabouço – tomar decisões fundamentais, políticas e sociais (ARISTÓTELES, *Constituição de Atenas*, 45; TUCÍDIDES, 1, 87). No uso helênico e helenístico, ἐκκλησία nunca fora empregada para comunidades religiosas, que se representavam por expressões como θυσία, *assembleia cultica para adorar um deus*. É preciso deixar claro que a ausência da palavra ἐκκλησία de todos os evangelhos, excetuando-se as duas ocorrências em Mateus, não se pode esclarecer dizendo que, na data da composição dos evangelhos, o conceito ainda não estava corrente, pois a forma escrita dos evangelhos vem a existir algum tempo depois das cartas de

Segundo Daniel Marguerat⁵⁶³, é na história do julgamento de Ananias e Safira que a arte lucana de dramatização atinge o ponto mais alto do *pathos*: o fim trágico de Ananias, fulminado⁵⁶⁴ pela palavra denunciadora de Pedro, seu enterro apressado, a chegada da esposa, Safira, e sua mentira pública, seguida também por sua morte, manifesta por meio do juízo divino (5,9b). Decorre daí o efeito pragmático almejado pelo narrador⁵⁶⁵, enfaticamente posto no texto por duas vezes seguidas: *veio um grande temor sobre todos os que ouviram estas coisas* (5,5.11). Em sua tese, David R. McCabe⁵⁶⁶, argumenta que as palavras de Pedro, divinamente sancionadas, executam rápida e diretamente o julgamento divino sobre Ananias e Safira, contribuindo ainda mais para elevar o *phobos* daqueles que a tudo assistiam e, igualmente, o *pathos* da narrativa.

Este ‘caso chocante’, como o denomina Marguerat, surpreende o leitor que está acostumado a um autor que tem fama de atenuar os conflitos internos da igreja – tomem-se como exemplos a controvérsia com as viúvas dos helenistas em 6,1-6 e os problemas na assembleia de Jerusalém em 15,7-35. O relato de Atos 5, visivelmente atrelado a 4,32-37, tecendo portanto, uma clara relação de oposição ao modelo criado e estabelecido narrativamente, apresenta-se concomitantemente como uma ruptura na descrição do florescer da Igreja primitiva (At 2-5) e como um corpo estranho na teologia lucana, segundo Marguerat⁵⁶⁷.

Paulo, nas quais o vocábulo é usado fartamente. Assim, pode-se dizer que os escritores canônicos empregam *ἐκκλησία* tão somente para a realidade pós-pascal. Não se emprega para descrever o ajuntamento de discípulos ao redor de Jesus, que mesmo por ele sendo chamados – *καλέω* – não fundaram uma *ἐκκλησία* (cf. COENEN; BROWN, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, 2000, pp. 985,991).

⁵⁶³ MARGUERAT,, p.177.

⁵⁶⁴ Como Asclépios na *República*, III.

⁵⁶⁵ O autor de Atos, especificamente na descrição e elaboração do caso de Ananias e Safira, demonstra pleno conhecimento daquilo que Aristóteles apresenta na *Poética* (1452a11, 1453a23, 1452b31 e 1453a19) a respeito do efeito do *pathos* na tragédia: É possível que o temível e o piedoso nasçam do espetáculo, mas também é possível que eles nasçam do próprio arranjo das ações, o que é preferível e próprio do melhor poeta. De fato, deve -se compor o enredo de forma a que, mesmo sem olhar, quem ouve as ações que se arripie e sinta piedade do que acontece, justamente afecções que experimentaria alguém ouvindo o enredo de *Édipo*. Provocar isso por meio do espetáculo é algo menos afim à arte poética e que necessita antes de recursos materiais. Aqueles que provocam por meio do espetáculo não o temível, mas somente o monstruoso, não realizam trabalho próprio da tragédia. Pois se deve procurar tirar da tragédia não qualquer prazer, mas aquele que lhe é próprio. Uma vez que o poeta deve provocar o prazer que decorre da piedade e do temor por meio da mímese, é evidente que isso deve estar inscrito nas próprias ações. Apreendamos, então, entre os eventos, quais se mostram terríveis, quais se mostram dignos de piedade.

⁵⁶⁶ Vide nota 408.

⁵⁶⁷ Fica evidente que ao afirmar a ruptura como ‘um corpo estranho à teologia lucana’, Daniel Marguerat opta, como fizemos neste trabalho, pela análise sincrônica do texto, elaborado a partir de um único autor. Não se despreza a possibilidade de um trabalho de análise diacrônica e de mais

Cabe-nos reiterar a hipótese de que o autor de Atos, além de tomar elementos da tragédia grega, como o *pathos* e o *phobos*, reelaborando-os para sua comunidade ouvinte-leitora, faz a releitura de um modelo literário ao modo *paidético* grego de Homero e de Platão⁵⁶⁸, como vimos nos capítulos anteriores, reforçando o *feio repulsante, as coisas feias* – o αἰσχρός – na apresentação e no desenvolvimento cuidadosamente construído e detalhadamente desvelado dos personagens Ananias e Safira, em oposição ao ideal, ao perfeito, às coisas belas – o καλὸν τε καὶ γαθόν⁵⁶⁹, que toma corpo na figura modelar de Barnabé, o filho da consolação, ícone da generosidade na comunidade da Igreja nascente, possuidor, juntamente com apenas mais um exemplo em todo o Novo Testamento, do título de ἀνὴρ ἀγαθός, registrado em Atos 11,24 e amplamente demonstrado no texto que estudamos. Que o ‘herói’ Barnabé seja um exemplo por vir. Já.

de um autor, como faz, por exemplo, Marie-Émile Boismard, da escola bíblica francesa de Jerusalém, para explicar as rupturas. Contudo, para realizarmos de modo satisfatório o estudo do texto segundo as abordagens sintática, semântica e pragmática e pelo tempo de pesquisa de mestrado, foi-nos conveniente a sincronia.

⁵⁶⁸ E, ainda, no *Banquete* de Xenofonte, que nada mais é do que um bem construído diálogo – a única obra em forma dialogal do autor – sobre o conceito grego da καλοκαγαθία.

⁵⁶⁹ Como trabalhamos em 2.2.2. A *kalokagathía*.